

ra



Escuela No. de Bellas Artes  
Pinar del Rio  
Cuba





# D. Luiz I

## ORAÇÃO FUNEBRE

PRONUNCIADA PELO

PADRE SENNA FREITAS

NA

Cathedral da Diocese de São Paulo,

NO DIA

5 de Dezembro de 1889

POR OCCASIÃO DAS SOLEMNISSIMAS EXEQUIAS ALLI MANDADAS  
CELEBRAR PELA DIGNA

COLONIA PORTUGUEZA

DA

REFERIDA CIDADE.



S. PAULO

TYPOGRAPHIA E ESTEREOTYPIA KING

DE LEROY KING BOOKWALTER

1890.



OR  
869.5  
5478

D. Luiz I

ORAÇÃO FUNEBRE

PRONUNCIADA PELA

PADRE FRANK FRÉITAS

NA

Catedral da Diocese de São Paulo

NO DIA

6 de Dezembro de 1889

COM O CANTO DOS SOLISTAS E DO CORO DA CATEDRAL  
CATHEDRAL DA DIÓCESE DE SÃO PAULO

COLÔNIA PORTUGUESA

RETIPO GRADE

1889  
429111  
2106111

**Escola Nacional**  
de  
**Belas Artes U. B.**  
**Biblioteca**  
Reg. 82 Ano 1964

454505

« A oração funebre proferida pelo Padre Senna Freitas, esteve á altura dos credits de que goza este emiiente orador. O seu elogio historico foi profundo, penetrante e eloquente, pisando com uma habilidade e uma emoção rarissimas os traços mais salientes do character e da vida do venerando rei.

Algumas imagens do illustre prégador tiveram uma belleza de improvisação e de nitidez inexcediveis.

D'aquí o felicitamos com o mais admirativo enthusiasmo.

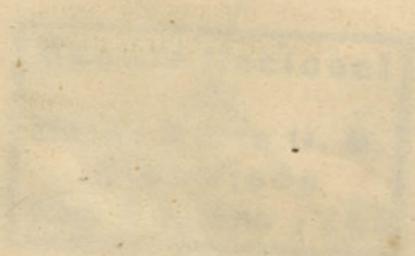
*EDUARDO SALAMONDE. »*

*(Diario Mercantil.)*

A este livro dedica-se a todos os que se interessam  
pelo estudo da história do Brasil, e em especial  
dos seus aspectos econômicos e sociais. O livro  
é uma contribuição para o conhecimento da história  
do Brasil, e para a compreensão da realidade  
atual. Alguns pontos de vista são apresentados  
de forma crítica e de maneira independente.  
O livro é destinado a todos os interessados  
na história do Brasil.

BRASIL, 1950

1950



*Sic rex est hodie et cras  
morielur.*

*Eis que o rei impera hoje  
em um throno e amanhã é cinzas.*  
(Ecclesiastico—10—12)

## I

Senhores! Está ainda bem viva a memoria pungente dos seus ultimos instantes. «Toda a esperança perdida.» «Transportam-n'o em braços da poltrona para o leito.» «A rainha é-lhe enfermeira»; passou de regia consorte da magestade a estatua animada da insomnia, debruçada sobre o estrado do augusto agonisante... E dir-se-hia que o tempo parou para ella, eternisando-lhe a angustia no coração.

El-Rei, recolhendo a energia derradeira de um espirito vital que já bruxuleia, premio em um beixo a mão angelica da sua Pia e balbuciou commovido esta palavra—«obrigado».

Um obrigado eloquente que podia ser o titulo de um livro de dedicações conjugaes... Estalou-lhe a alma nos labios em um nobre sentimento de gratidão, ao mesmo tempo que, nivelado com o intimo de seus subditos, o principe era obrigado a passar o outras mãos o archote da vida.

Hontem chefe supremo de um grande povo, hoje cadaver ao qual sóbra a estreiteza de um tumulo.

Senhores! Tambem os reis morrem, tambem os diademas tombam.

Não ha esplendor de sceptro que se não tisne na oxydação da morte, e toda a grandeza, seja ella a dos monarchas, se corporalisa na famosa estatua de Nabuchodonosor. Que monta que a cabeça fosse fundida de ouro massiço, que sejam de prata os braços, se os pés em que estriba a estatua, são de barro? A pedra despedida da aresta da montanha attingio-os na quéda e ella cahiu, feita pedaços.

Por mais que o homem se empertigue e se guinde, atravez das escaleiras de todas as dignidações, até ao fastigio de um throno fica sempre assaz perto da terra. Todas as estradas mesmo as mais juncadas de laureis, mesmo as mais ensoladas dos espelhamentos da gloria, vão desembocar na valla de um sepulchro.

Grande só é Deus, cuja idade é o infinito, cujo sceptro a omnipotencia. Individuos como nações, no seu curso de dias ou de séculos, vem successivamente expirar aos pés deste sublime adoravel que só possue as chaves da vida, e render a homenagem do existente ephemero ao Ente dos entes.

D. Luiz I de Bragança cessou de viver. Eil-o estendido na pomposa esterilidade da morte, no jazigo de reis que lhe foi aparelhado. A erecção deste sumptuoso catafalco no meio deste templo e a multidão commovida que o rodeia significam a solemne commemoração desse fallecimento regio.

Senhores: a dôr, jaça indelevel e mysteriosa do brilhante humano, a dôr é, a propriamente fallar, o attributo exclusivo da nossa especie. De resto, embora pareça elle revelar uma degradação apparente, accusa uma superioridade real. Um desastre não arranca mais lagrimas que outro aos olhos de diamante das estrellas. Tudo é indifferente a tudo na materia inerte e passiva. Quer o soberano de um Estado viva ou expire a braços

com uma agonia dclorosa, que importa isso ao sol triumphat que, tão refulgente hontem como hoje, ascende ao longo do firmamento e enterra o seu raio de luz, como uma cunha de ouro, nas clareiras da floresta onde vai desatar a vegetação? Que importa isso ao testaceo que nas profundezas do oceano coagula as suas lagrimas opalinas em formosas perolas que brilharão um dia sobre a fronte das rainhas ou porão uma via-lactea sobre o seio das virgens?

Mas o contrario succede com a raça adamica. A Providencia dispoz que nada do que é humano nos possa ser estranho. Uma vida cessa e milhares de outras experimentam por ella o nobre interesse da dôr, porque essa vida prendia-se á nossa por algum dos multiplos laços sociaes, e se estes laços estreitam docemente em quanto subsistem, sangram; quando rebentam.

Justissima é a vossa presença aqui a esta hora, em torno desta eça, galhardos filhos de Portugal. Verdadeiros portuguezes, pagais ao vosso ex-monarcha o tributo de condolencia de que a religião e a patria vos fazem um dever. Honra a vós!

Todavia, seja-vos linitivo que o passamento não é o anniquilamento. Na ordem de cousas estabelecida, nada se cria e nada se anniquilla no universo. O solo é uma immensa retorta onde o cadaver é decomposto para restituir ao espaço os elementos de que se compunha, agora desagregados e livres, mas que promptamente, por uma admiravel e mysteriosa circulação, vão reentrar no turbilhão de novas organizações. Assim por toda a parte o movimento incessante, no circulo perpetuo das fórmas fugitivas, agita o globo que habitamos. Tal acontece na ordem moral. Nada felizmente se perdeu do que constituia a entidade superior do vosso soberano. A morte tornou-se tambem neste sentido uma especie de retorta que emancipou da personalidade do morto a nuvem de preconceitos maiores ou menores que pezavam sobre elle, condensados por uma falsa opinião publica. Desagregando as imperfeições das boas qualidades moraes, deixou vêr estas a nù e na sua plena refulgencia, ao

mesmo tempo que arrancou as represas do silencio ao respeito da modestia do ex-vivo illustre, e publica hoje altamente louvores que não tem mais motivo para se conservarem taciturnos.

Nada se perdeu pois, nada se perderá das acções conspicuas de D. Luiz I. A oração funebre é a primeira a archival-as, amanhã fal-o-ha a historia.

Pensastes em mim, illustre colonia portugueza da metropole paulista, para o commettimento espinhoso de ser o interprete destas solemnissimas exequias, por vós tão patrioticamente e tão magnificamente promovidas. Honra-me a vossa escolha, e a minha facil condescendencia ao vosso penhorante convite assás vol-o demonstra.

Mas se essa escolha significa, como de tal não duvido, a generosidade de vossos sentimentos para com o mesquinho orador, já agora acabai de proval-a concedendo-me a larga indulgencia que para mim peço, conscio de que o pedestal do meu talento oratorio é acanhado demais para o grandioso monumento de saudade que erigis ao passamento de um monarcha amante e amado do seu povo e cujos funeraes, por um synchro-nismo estranho da historia, coincidem com os funeraes de uma monarchia e a aurora de uma republica.

E' entre estas duas commoções tão oppostas que me cumpre fallar.

Perdoai, portanto, á insufficiencia da minha palavra se ella apenas encarnar o pensamento de uma grande perda nacional sem poder traduzil-a adequadamente.

## II

Para todos quantos assistiram, mais ou menos attentos, á vida monarchica de D. Luiz I, a primeira idéa que assoma ao espirito e a primeira palavra que aflora aos labios é esta — *bom*.

A segunda, pouco differente da primeira, é a de —  
*cavalheiro*.

A bondade e o cavalheirismo foram as duas feições predominantes da alma do soberano.

Comtudo, as mais das vezes, não vamos além, por uma especie de segunda vista reflexa. Não perscrutamos qual o principio evolutivo daquelle phenomeno ethico.. Ora, quer-me parecer, e com certos visos de acerto, que esse principio se nos depara, por completo, na educação primeira que D. Luiz recebeu.

Todo o homem é, por via de regra, a resultante do primeiro impulso educativo que n'elle foi impresso por essa mão talismânica que escuso dizer ser a de nossos paes. E quem teria haurido educação mais esmerada, mais aquilatada em primores de intelligente solicitude, mais régia enfim que o rei, cujo infausto passamento solemnisas? Que mãe e que educadora {superior a D. Maria II, a « virtuosa »?

A terra levou centenares de seculos a crystalisar um diamante. Em menos, comtudo, de um anno o seio materno organisa uma d'essas encantadoras creaturas, um desses entes humanos que na sua belleza plastica miniaturada, no seu risonho olhar crystalino, na estriga setinosa de seus cabellos de ouro, nos deslumbram a vista e enternecem os corações. Quando, porém, se trata, não já de formar uma criança, mas de fazer um homem, então, como dizia o celebre conde de Maistre, o mistér maternal é muito mais trabalhado e escabroso. Dez annos não sobejam a realisar-o. Para as pedras preciosas que se prismam nos leitos carboniferos do rios o melhor facetador é o lapidario profissional; para o diamante humano os melhores dos lapidarios são as nossas mães. Juncto d'ellas tudo vem do coração e vai direito ao coração. Um sorriso é um applauso remunerador, um olhar severo uma advertencia comprehendida, uma palavra fugitiva e laconica uma licção pratica de moral, uma accção virtuosa um buril que entalha na memoria a impressão favoravel do bem.

Ora, quando esta mãe foi aquella que a historia portugueza sagrou de « modelo de mães », de sobra fica individuado o fino tirocinio que o principe recebeu á sombra dos paços reaes. Qual nova Euridice, a insigne matrona e mãe illyria, a quem preocupava a iniciação moral dos filhos ainda na madurez dos annos, era de ver e mais de admirar com que carinho, com que amor affectivo mas não fraco, não connivente, com que senso pedagogico, com que genio tão semelhante áquelle que o naturalista Buffon definia « uma paciencia que não cança », com que circumspecção entresachada da mansidão da Noemi biblica e da energia salutar da mãe dos Machabeus, D. Maria II encetou, proseguiu e rematou a educação dos principes seus filhos. Desconhecedora de theorias geraes de gabinete, não raro charlatanescas, sobre a iniciação da infancia, como se esta idade mobilissima podesse amoldar-se á austeridade generica e rectilinea de semelhantes theorias; ella, a mãe exemplar, encontrou nos conselhos intimos da sua consciencia e na infallibilidade do seu instincto materno a fórmula pessoal e especialissima da educação que convinha dar áquelles pedagogos da sua alma. Toda a mãe é uma vidente!

Por esta fórma conseguiu transfundir no segundo futuro successor ao throno que ella propria então occupava, algo da pureza, da clemencia, do bom senso rectissimo, da extrema bondade desse coração de rainha e anjo que, ainda depois de deixar de palpitar, attrahia sobre seu côxe funereo, na hora tetrica do seguimento, o gemido e o arminho immaculado da ave que symbolisa a candura. (1)

Se, paripasso com esta nota moral, D. Luiz I se revelava, logo ás primeiras praticas que com elle se tinha, um artista de fina estofa, um cultor effectivo e emerito da divina lingua de Beethoven e Rossini, foi por um motivo semelhante. D. Fernando foi seu pai...

---

[1] Referencia ao episodio historico e commovente da pomba que se conservou pousada por muito tempo sobre o carro adocelado que transportava o féretro de D. Maria II.

Este episodio inspirou a João de Lemos a sua delicada poesia *O funeral e a pomba*.

Mal alvorecêra no joven Luiz o lume da intelligencia, esse lume symptomatico da idade primeira que de humana pôde ter propriamente o nome, logo se lhe manifestou a vocação. Foi essa a do mar; uma vocação essencialmente portugueza, que synthetisava no rei a predestinação historica que enalteceu outr'ora um povo ao pinaculo do renome.

Aos 8 annos assentava praça e poucos mezes depois era nomeado guarda-marinha. Propulsada a sua notavel actividade, gosto decidido pelas travessias oceanicas e pericia na arte nautica, foi successivamente elevado de segundo tenente a commandante de brigue e capitão de mar e guerra, perlustrando numerosos portos; entre elles os de Inglaterra, Açores, Madeira, Gibraltar, Loanda, Marrocos. Não o fez como torista senão como homem de estudo, em verificações topographicas de littoral e de geographia maritima; verificações que perduraram desde 1846 até 1861; um periodo de 15 annos de commercio intimo, de convivencia quasi exclusiva com o mais tremendo e o mais insubmisso dos elementos.

Oceano, oceano! azul e movediça alfombra, de cujo fundo mysterioso resaltou aos ares, por um volcanismo submarino, a formosa ilha onde vi a luz (1), qual nenuphar enorme desabrochado do seio das grandes aguas. Oceano, oceano! minha saudade incuravel, meu sonho dos quarenta annos! Como eu tambem te estremeço a ti, que cinges de um perenne disco de turqueza o ninho que acalentou meus membros de um dia; a ti que impregnaste dos bafejos da tua matriz incorruptivel o ar que respirou a minha adolescencia, nessa fraga que não mais verei, e que para ser tão gentil e fertil só pôde ser uma petrificação das tuas salsas espumas.

Depois de Deus e do firmamento só tu és grande, ó mar, tão grande que mereceste ser chamado « a imagem movel da immovel immensidade. »

Como eu comprehendo que o joven principe dêsse de mão ao continente luzitano para se arrojarem ao pégo

---

[1] S. Miguel—Açores.

immenso das tuas vagas, que attrahem como o abysmo e fazem scismar como o infinito, dessas aguas que vêm de todos os paizes e se espraiam por todas as enseadas, que visitam, afagam, investem, carcomem e habitam blócos desmedidos, transmudados em furnas profundas; dessas aguas que têm a zoadá grandiloqua dos furacões e o suspiro abafado do agonisante; que lambem mansas os areaes que as endokam e trepam rapidas e atrevidas como a labareda ás cristas das penedias que esbofeteam de uma chuva eterna; dessas aguas que são manancial e reservatorio, voragem e lago, despenhadeiro e crystal, estrada e tumulto, sublime do bello e horrivel do feio; espectáculo grandioso e scenario unico para o qual não haverá nunca Salvador Rosa condigno; fluxo incessante que circumvolve o mundo; cuja respiração é ouvida nas quatro partes do globo que habitamos e que parece ser a pendula cosmica do tempo e o pulso da vida universal.

Mar! que palavra tão curta em todas as linguas para tamanha massa d'agua e que simplicidade de elementos para o mais precioso thesouro que se conhece! Não me surprehende, portanto, um instante que D. Luiz navegasse e mareasse durante o longo espaço de quinze annos. Queria preparar-se, pela perspectiva diaria das ondas agitadas do oceano e das peripecias maritimas, para o embate intercadente das ondas não menos marulhosas da governação. Assim poderia com animo impassado equilibrar-se posteriormente no fluxo e refluxo da politica, verdadeiro oceano que demanda mais que um baixel seguro e uma bussola; um piloto experimentado que lhe saiba de cór os parceiros e restingas, as marés e os ventos de monção ou ponteiros, as vagas tumidas e perfidas; porque neste oceano moral da politica a bonança é a vespera da tormenta e o catavento dos manejos partidarios quasi tão irrequieto como o da athmosphera, offerecendo-nos surpresas maiores que as dos kaleidoscópos.

Não foi, pois, demais que se temperasse e retemperasse para essa epocha vindoura pelas sérias aventuras do oceano. Marinhe elle proprio atravez da adriça ao

gurupés das corvetas, ferre as velas e bujarronas, suspenda-se das antennas, orce ao leme, com os olhos na agulha da bussola, ice as pesadas correntes do « Pedro Nunes » pelos escouvens do castello de prôa, lucte com as rajadas indomitas e os vagalhões, resigne-se á solidão absoluta do alto mar, habitue-se ás suas symphonias ora maviosas, ora terrificas, ao navalhar dos ventos gelidos do norte por noites de inverno, de uma escuridão estygia e sinistra, e ao queimor das áscuas do mistral esbrascante do meio dia: aprenda no poema epico da tempestade que só Deus é grande e na efficacia da oração humilde que só elle é poderoso por sobre os reis de um dia e as magestades de illusão optica, que o tumulto espera.

Saiba enfim pilotar e commandar uma nau do Estado quem dentro em pouco terá de commandar a nau do proprio Estado. Excellente noviciado de rei, e esse noviciado teve-o D. Luiz. Contemplando dezenas de vezes na abobada ethérea as batalhas dos elementos e ouvindo, na floresta liquida, crepitar a vaga furiosa, accêza em espuma pelo fogo meteorico do vendaval, acostumou-se a permanecer imperterrito no meio das terriveis crises ministeriaes porque passou Portugal desde 1861 a 1889, uma das quaes se resume no nome insigne do marechal Saldanha, homem que pôde consolar-se de não ter chegado a ser dictador pela consciencia de haver sido digno de sel-o.

Fallecêra D. Pedro V, então rei de Portugal, a 1 de Novembro do referido anno de 1861.

Ao entrar, tres dias depois, as aguas do Tejo, e tendo recebido a nova fatal da morte do irmão que respeitava quasi como pai, D. Luiz submetteu-se á sorte que na successão dynastica o designava para cingir um diadema e prestou o juramento de estylo, que solemneamente foi renovado a 22 de Dezembro, perante as Côrtes expressamente convocadas para esse fim.

No anno seguinte, a 27 de Setembro, consorciava-se por prôcuração, com D. Maria Pia, filha de Victor Manoel, rei de Italia.

Eil-o, por conseguinte, constituido, de um dia para outro, o soberano de uma nação e o arbitro dos seus destinos. Poucas vezes foi assim ingrato e espinhoso reinar ; poucas vezes pesou tanto um sceptro.

Senhores, diz-se em geral que o reinado de D. Luiz I se poderia escrever em duas linhas incompletas. Amante da obscuridade do homem particular e do homem de estudo, elle não lega ás paginas da historia, dizem, outra immortalidade que essa immortalidade obrigada e equivocada de ter sido mais um élo passageiro na corrente dynastica dos herdeiros do throno portuguez.

Seria assim um proplema quasi insolúvel para o orador que tem a honra de vos dirigir a palavra o ter de bosquejar a oração funebre do monarcha extincto. Mas, não obstante a porção de verdade que haja no juizo emittido, eu destôo expressamente da asserção de que uma vida obscura seja sempre uma vida inutil, como o não é a obscuridade mysteriosa em que a natureza embuça o assombroso phenomeno da geração. A historia não é nenhum phonographo caprichoso que só guarde ou amazene o estampido dos gestos espectaculosos.

O haver de succeder a um rei como D. Pedro V e o reinar ao lado de um anjo como D. Maria Pia era a mais critica, a mais embaraçosa das attitudes em que poderia ver-se collocado um principe, ainda dotado de peregrinas qualidades regias, que o guindassem á altura dos seus destinos, se não chegavam para tornal-o superior a elles. Nada mais positivamente difficil, de facto, do que esplender com luz propria na orbita de dois astros, dos quaes um fulgia com uma irradiação maxima, com um nimbo focal, precisamente quando se atufava antetempo no horisonte, apagado pela mão selvagem da morte ; e outro caminhava ao seu zenith, de ascensão em ascensão.

Recordais-vos vós sempre, portuguezes, do nome d'aquelle soberano portuguez que professava pelos sabios do seu paiz, um culto mixto de filial e religioso ? que soube até á morte conservar inquebrantavel, apesar de genuino rei constitucional, a autonomia do seu nuto

regio a contra-pello dos alvitres ministeriaes nem sempre assizados e governar ás vezes quando reinar não bastava? Não vos cancellou o tempo da memoria o nome d'aquelle soberano que anticipava na manhã de uns viçosos vinte annos a tarde da madureza prudencial e circumspecta dos quarenta, e que, sabendo que o sceptro dos monarchas começou em David pelo báculo dos pastores, amava seu povo antes como pai e pastor que como principe, desdenhando as probabilidades da morte quando para visitar os cholericos, seus subitos, que languiam nos hospitaes, era necessario mostrar á morte que « o amor é mais forte do que ella »? Chamava-se esse rei D. Pedro V, todos o sabeis. E foi a elle que teve de succeder D. Luiz.

Por outro lado, no seu mesmo paço da Ajuda, envolta na suprema gerarchia do esposo, porém mais formosa que os arminhos do seu manto, mais fulgurante que as joias do seu diadema, vivia uma princeza não menos rainha pelo porte que pela corôa, e a quem o jury infallivel do bom senso popular sagrou pelo justo cognome de—*Anjo da Caridade*; a providencia feminina dos desamparados, a mão recatada mas não ignorada que esmolava a indigencia penumbrosa e occulta dos sotãos; a quem doiam todas as dôres alheias, que se enluctava com o lucto das desgraças publicas ou privadas; a rainha que percorria as provincias do seu Portugal, não em busca de preitos ou de ovações mas de lagrimas e angustias para as trocar contra balsamos, exemplificandonos no seu amor pelos infelizes o cuidado afanoso da andorinha servido pela industria da abelha; a nova Iza-bel do seculo decimo nono, que fez tomar assento no throno dos principes á caridade dos santos e que chegou a eclipsar o estemma dos Cesares na auréola dos misericordiosos do Evangelho, D. Maria Pia!

Se já então ella era pulcherrima e veneranda, quando sob o tecto de uma barraca de kermesse, vendendo rosas que brotariam créches, ou atravessando de coche as praças publicas das capitaes, a contemplavamos nessa expressão de nobre pallidez onde a virtude (eximia co-

torista) esbatia um doce sorriso que apenas dava mais relevo a um soffrimento resignado; se já então, digo, era veneranda D. Maria Pia, hoje a viuvez accrescentou uma nova magestade a essa senhora que ainda depois de rainha . . . será sempre rainha.

Pois bem: confessai, senhores, que possuir a individualidade da realeza entre um príncipe que foi pai do seu povo, e um anjo de caridade, era cousa ardua. Porém, nesses 28 annos de reinado de D. Luiz, intervallados por duas grandezas fulgurantes, houve ainda campo para um bom ou mesmo excellente monarcha. Injustiça fôra recusar tal qualificação ao regio esposo da filha de Victor Manoel.

O que dá luzimento a um reinado não são mais nem podem ser os grandes feitos d'armas, os attentados felizes, as conquistas assombrosas, glorias que deveriam a miude trajar rigoroso crepe e não empunhar palmas, porque essas palmas escorrem de sangue humano immolado ao orgulho ambicioso de um homem. Não se pôde mais comprehender a refulgencia de um sceptro como se comprehendia nos tempos medievicos de Philippe o Bello e de Ricardo Coração de Leão. Outro é o direito vigente, outra a noção da monarchia, outra a orientação das sociedades, outro o sol do mundo politico que não o de Austerlitz, outro o ideal da gloria que não o elmo de Mambrino. A guerra felizmente não teve que desembainhar a espada durante o governo do príncipe fallecido. A espada não ceifou sequer um braço de leucos no campo sagrado das vidas humanas. É este um dos encomios que cumpre fazer á edilidade de D. Luiz I. Foi amante estreme da paz, sciente de que é no seu remanso que amaduram os pomos de ouro do desenvolvimento omnimodo e progressivo de uma nação. O symbolismo da guerra é o raio, o symbolismo da paz é o arado. O raio fulmina e destroe, o arado abre largo sulco á semente.

Na arvore, sim, das condecorações e das distincções honorificas o rei colheu numerosas palmas para offer-

tal-as ao verdadeiro merito. A este proposito, importa fazer-vos notar que talvez nunca, desde que Portugal existe, fossem confiados tantos empregos de alta monta a cidadãos emeritos pelo seu talento, illustração e produções litterarias. Nunca talvez, repito, como nesse periodo de 1861 a 1889, o meridiano das posições elevadas coincidio com o meridiano das letras. Nem quiçá conviria que fosse tão geral a coincidencia, sendo certo que o diploma de uma nomeação politica confundeu-se muitas vezes com um assento de obito, para a litteratura.

Porém entre essas distincções hõnrosas concedidas por D. Luiz I ao merito, não me é permittido nem tenho a coragem de passar uma em silencio.

Foi no palacio real da Ajuda, se a memoria me não trahe.

Dois portuguezes, dois famigerados exploradores acabavam de chegar, com a estrella da gloria na frente, do centro do continente negro, da Costa da Mina. Vinham cobreados pela acção continuada de um sol perpendicular, cavoucados nas faces pelas rugas nobilitantes de um trabalho fragoso, sentindo ainda os ultimos mas dolorosos vestigios de uma fadiga mais que explicada pela luta, arca por arca, com as feras, e pela luta ainda maior com o inferno das febres intermitentes de mau character, quando não o era com as alternativas de uma alimentação oscillando entre soffrivel e pessima; porém, a um tempo, carregados de noticias geographicas e meteorologicas importantissimas, e sobrecheios de honra e fulgor pelo pujantissimo desempenho da missão exploradora que lhes fõra fiada, honra, fulgor tanto mais credores de elogios quanto os resguardavam nos entreseios de uma admiravel modestia.

Ajuda foi, d'alguma sorte, n'esse dia o Capitolio de Ivens e Capello; alli devia soar o momento ditoso que lhes faria esquecer annos de suadas agruras, longe do conchego da familia.

Esperava-os o rei, trajando sorrisos. Ladeava-o a familia real; formavam-lhe cortejo os mais selectos aulicos da sua côrte. El-rei vinha banquetear os grandes africanistas, condecoral-os por sua propria mão e fazelhes patente a expressão do seu profundo reconhecimento regio. Uma hora chegou em que a exaltação commocional transvasou da urna d'aquella alma realmente bondosa, tão affeita a saborear as elevações moraes dos sentimentos fidalgos. O monarcha levantou-se e com o tremor impressivo na voz: «Brindo, disse, á saude de Ivens e Capello. Hoje, longe de me pezar a corôa sinto-a leve, lembrando-me de que me é dado ser rei de taes subditos.»

Averbei de bondosa a alma de D. Luiz. Bondosa, sim, até a essa depuração e sublimação que a torna christã e lhe melhora a especie na de caridade. Que outro nome daremos á bella e christianissima instituição dos «albergues nocturnos», por elle creados e que funccionam regularmente na côrte de Portugal? Dir-se-lia que a mão generosa de D. Luiz ia, a deshoras, qual patrulha da desgraça, recolher os miseraveis sem leito nem tecto que vagueiavam, ao sereno, em uma existencia vampirica e se deixavam cair ébrios de somno sobre as soleiras das habitações ou nos degraus das igrejas, para conduzil-os á casa da Providencia, onde havia calor para os membros enregelados, pão para os crueis estorcegões da fome, um travesseiro flácido para as fontes latejantes.

Mas seja-me licito, senhores, desmentir de um modo mais directo a phrase facil, porém, assás vacua de sentido, que o reinado do fallecido principe deslisou na penumbra de uma especie de obscuridade sem relevo de benemerencias.

Quando eu penso que D. Luiz I foi um rei constitucional, longe de estranhar que não accentuasse mais a sua personalidade cesarica, antes acho digno de encomiasticos reparos que pouco ou nada cesarizasse. Perante os principios da politica moderna, foi elle um notavel monarcha, precisamente por ter escondido, quanto

Elle foi possível, na modestia desambiciosa do cidadão privado, a autoridade imperativa do sceptro.

Transpareça, reavulte, pompeie a nação nos seus multiplos progressos, o Estado nos seus gestos parlamentares nacionaes ou internacionaes, e dissimule-se a irradiação do throno e o pezo do sceptro sob o invólucro d'essa entidade collectiva e abstracta, que se chama «governo constitucional». O rei não está em nada de um modo peculiar e está em tudo. E' um poder moderador latente, uma força centrica e intangível, como o espirito que habita as profundezas do corpo humano, que o vivifica e dirige sem ser visto. O chefe da nação não emmitte uma scintillação propria no quadro das suas glorias contemporaneas, mas não o julgueis ausente do quadro. Este não seria jámais effectuado sem o fundo da realeza, embora esfumada nas fórmulas do systema representativo. Tal parece ter sido o lemma de D. Luiz.

Portugal está hoje emmalhado de vias ferreas, de norte a sul, de leste a oeste, algumas das quaes podiam constituir um additivo aos doze trabalhos de Hercules, pela difficuldade de sua abertura na pedra viva. Está coberto de estradas de rodagem e pionagem magnificas; possui mais fabricas e officinas que nunca: pontes de ferro de curvas de arco arrojadissimas e de uma elegancia artistica que póde emular parelhas com as primeiras da Europa.

De longe em longe teem sido inauguradas exposições industriaes, essas exposições utilissimas que denominarei os jogos olympicos do espirito, e que o principe pranteado teve a gloria de iniciar.

No Porto esfervilha a actividade commercial e a Liverpool portugueza levanta, garbosa e altiva, perante o paiz, a aurea cabeça. A côrte do reino de Affonso e D. Manoel em epocha alguma estadeou o aspecto ridente, prospero, evolutivo que actualmente está offerecendo, de uma população que se sente chamada a caminhar e a caminhar sempre para um ideal que ella mesma desconhece e a fascina, porém para o qual já abriu uma es-

trada condigna no centro da sua propria vida metropolitana, ao duplo clarão do velho sol de Moysez e do moderno sol de Edison. Esta estrada é a *Avenida da Liberdade*, que parece ter sido construida pelo genio do bom gosto para a marcha triumphal que precede uma apothese, ao passo que confedera Lisboa aos Elysios no convívio de uma identica e flammante civilisação.

Ora foi no reinado de D. Luiz I que tudo isto se realisou, por sua sancção, com seu apoio, sob sua influencia ou mesmo impulso.

Monta, comtudo, accrescentar que para a effectividade de tão brilhantes resultados concorreu, em primeiro plano, um estadista de sobranceiro merito administrativo, cuja escolha persistente bastaria só por si para evidenciar a perspicacia do principe que o preferio a qualquer outro na intimidade dos seus conselhos. Antonio Maria Fontes Pereira de Mello foi, emquanto viveu, o homem da plena confiança de D. Luiz, o seu braço forte, o seu Nestor discreto, o seu cerebro politico dirigente, o ministro em quem depositava, sem receio, metade do peso da corôa e a quem, entre todos, dava o nome exigente mas dignificante de amigo.

Justificou, que farte, o ministro a predilecção real. Habilissimo auriga no governar as rédeas do Estado, inimigo por systema de medidas extremas que de ordinario acabam de perder o que julgavam salvar, operoso como um Choiseul e insinuante como um Mazarino, senhor do segredo de conservar equipendente o fiel da balança politica, mau grado os contrapesos partidarios, de nenhum modo meticuloso em enterrar as mãos até ao fundo do erario, mas sempre a bem da publica utilidade, é justiça confessar que Portugal deveu muito ao notavel estadista a quem nada surprehendia e tudo equilibrava; e se as fulgurações do diadema regio aureolavam o ministro de D. Luiz I, o ministro, por sua vez, impedio de serem vãs taes fulgurações, enfeixando-as em uma especie de consagração que permittirá poder sempre discriminar-se em relevo sensível estas duas datas da historia portugueza—1861—1889.

A morte que é amiudadas vezes a errata das injustiças da vida, converteu os doestos e epigrammas causticos de que elle fôra objecto em admirações vingadoras, e os funeraes de Fontes Pereira de Mello foram os mais sollemnes que ainda se presenciaram em Portugal, nestes ultimos 60 annos.

Accrescentar ao que fica exposto que o rei marinho refugia, toda a vez que lhe era possível, do chefe de Estado para o homem privado e até para o solitario; que antepunha ás explosões das manifestações populares e ao aulicismo, que junca de adulações os degraus do throno, o gabinete do dilettante das bellas lettras e que docil á sua tendencia litteraria dominante, fez varias e fundas excavações na mina enorme de Shakespeare, dando-nos ouro portuguez por britanico, seria afastar-me da orbita que a mim mesmo tracei, porque levei a mira em occupar-me do principe como tal que não como cidadão, no seu viver particular.

Eis, pois, portuguezes, o que é possível dizer de um homem purpurado, para quem a historia só de hoje em diante principia, a partir do momento em que elle desaparece da têla ardente da actualidade para entrar nesse fundo de perspectiva calma e fria a que a morte faz re-uar as suas victimas.

O juizo supremo e ineffectivel de Deus está proferido por Elle proprio.

Os historiadores assentam-se para lavrar o seu. O juizo do sacerdote, o do ministro de uma religião de predominante graça e de definitivo amor, que poderá ser senão benevolo, interessado de uma esperança invencivel como compete ao representante de uma Igreja que nunca se attribuiu judicatura de além-tumulo para condemnar e só para absolver ou preconisar; em cujas mãos Jesus Christo não poz a vara ferrea de juiz final, porém o calix de ouro da propiciação, rubro do sangue do Cordeiro?

Mais compassivo que fraco, na roda de vinte e oito annos de homem feito; mais homem em ser accessivel aos sentimentos altruistas que aos instinctos egoistas;

apercebido, ao vasquejar-lhe a agonia, com os sacramentos saluberrimos da Igreja catholica, nem a rigidez pharisaica teria a afouteza de acoimar de lisongeiros os labios do orador que do alto deste pulpito proferir sobre os restos mortaes de D. Luiz uma palavra de paz.

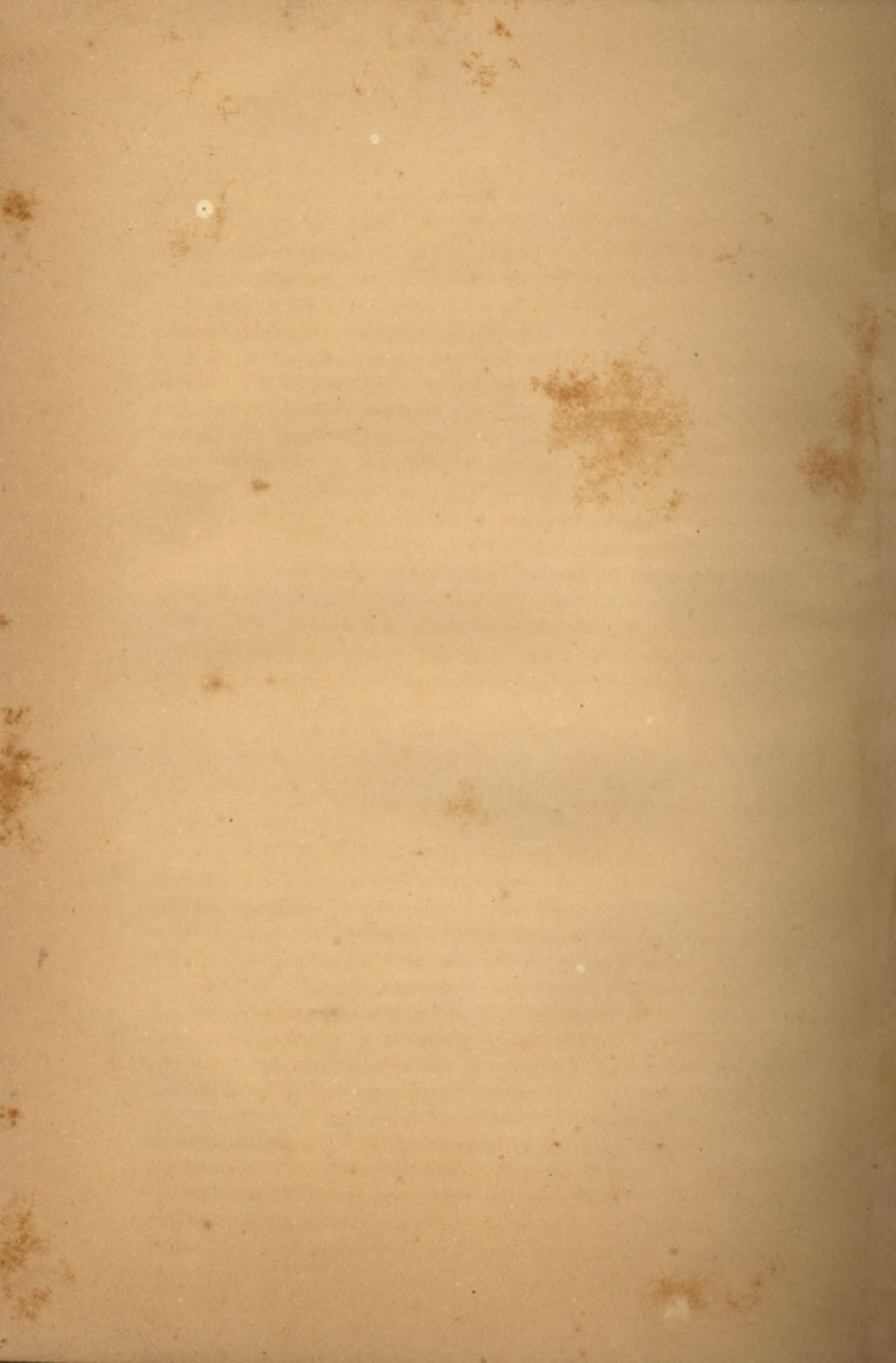
Senhores; as folhas publicas referiram que duzentas corôas foram depostas junto ao féretro do monarcha no dia em que seu corpo era trasladado do templo dos Jeronymos para S. Vicente de Fóra; e que cincoenta mil pessoas compunham o regio seguimento.

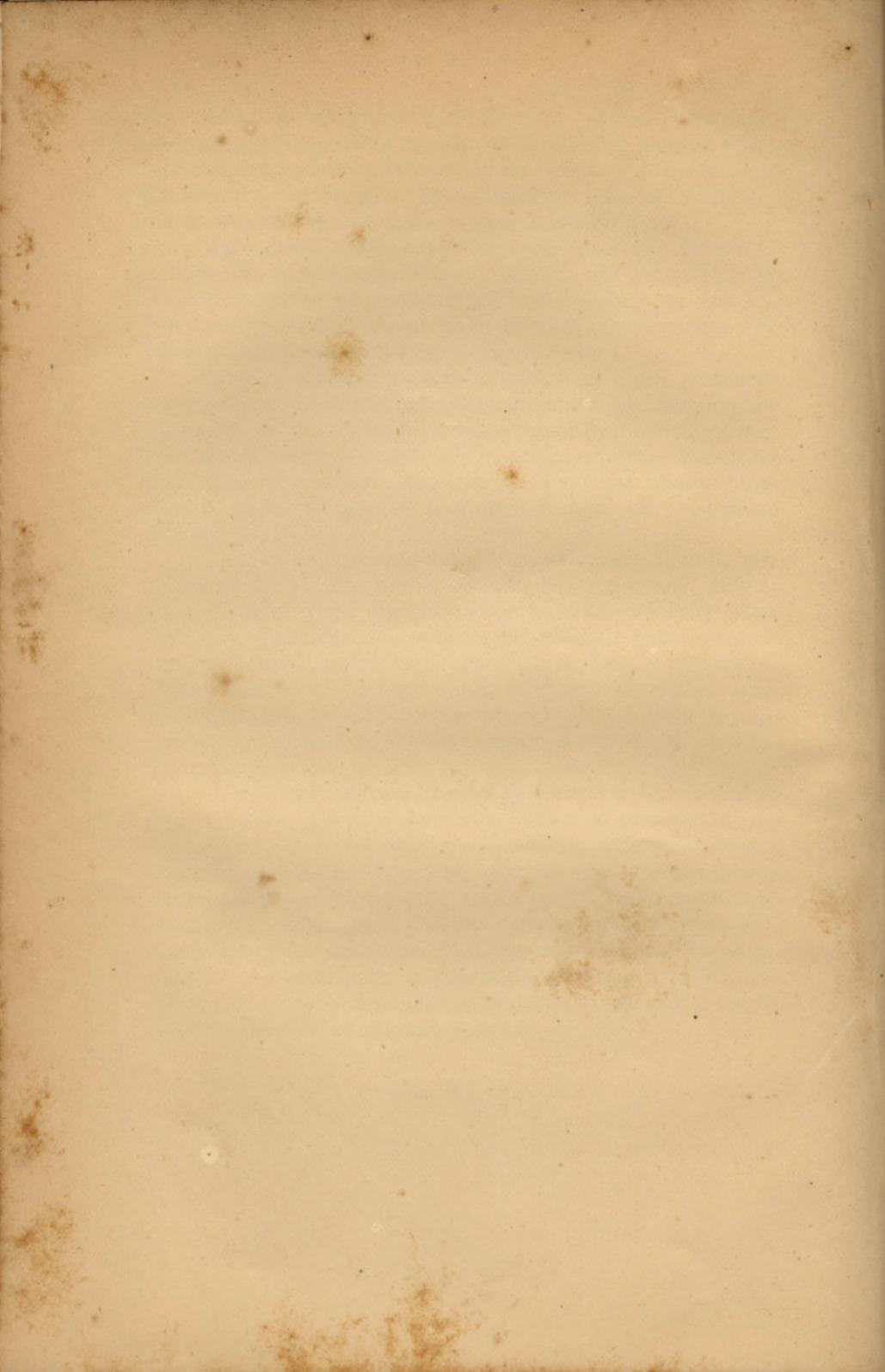
Grave e primorosissimo obelisco se eleva tambem aqui para solemnizar de um modo condigno da pujança dos briosos portuguezes desta capital paulista, o passamento infausto do seu rei. Grinaldas, disticos funereos actualisam a memoria lugubre do principe finado e encerram alguma cousa de tão tetrico como um « quebrar de escudos. »

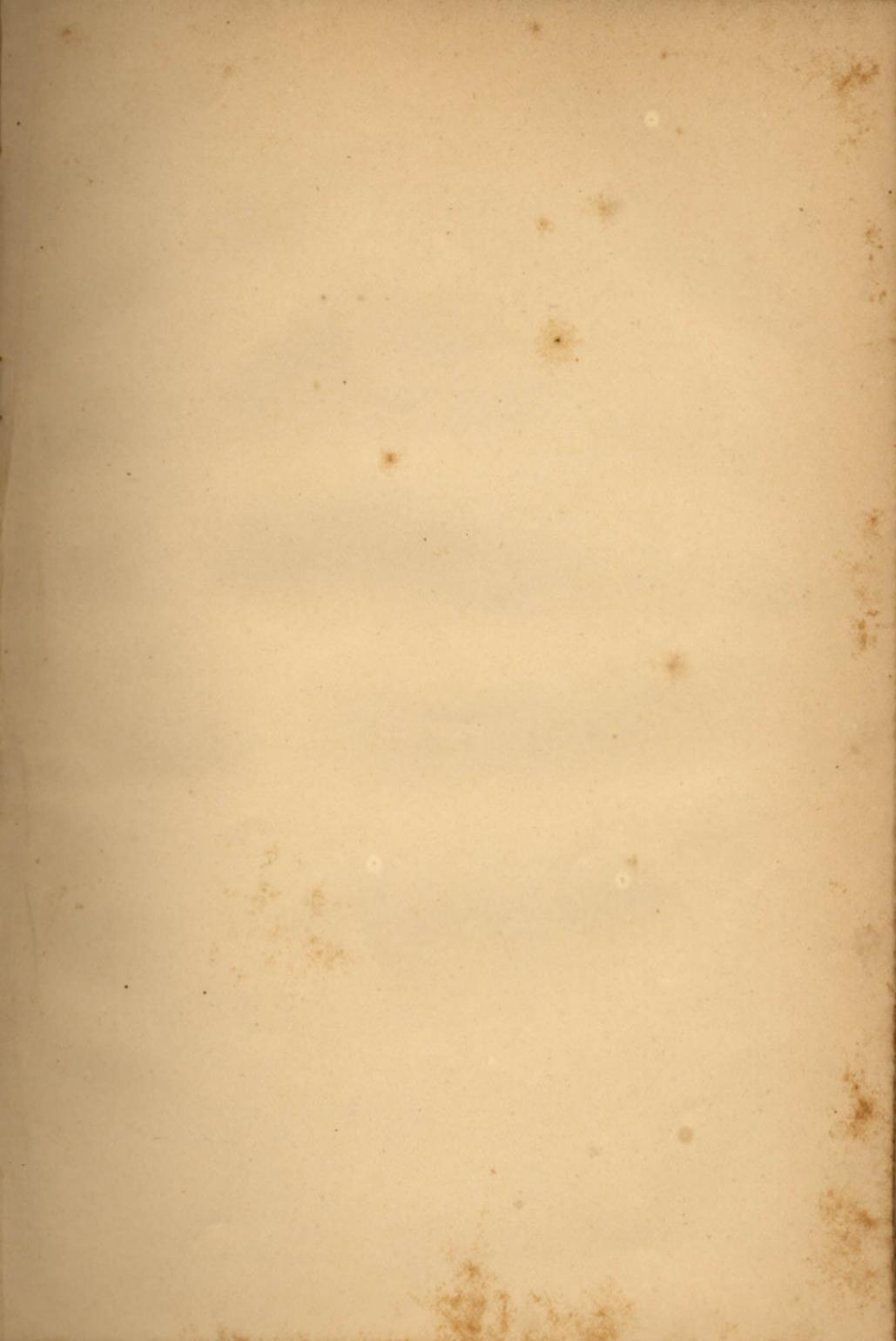
Chegado, porém, a esta hora solemne, appello em nome de Deus, em nome da religião, em nome do augusto morto, para um tributo de piedoso affecto e condolencia, que nem as corôas, sejam ellas de gemmas custosas, nem os catafalcos, sejam elles de ouro e porphyro, podem substituir; appello para o tributo das vossas orações de crentes pela alma do derradeiro soberano portuguez, que houve no seculo o nome de D. Luiz de Bragança.

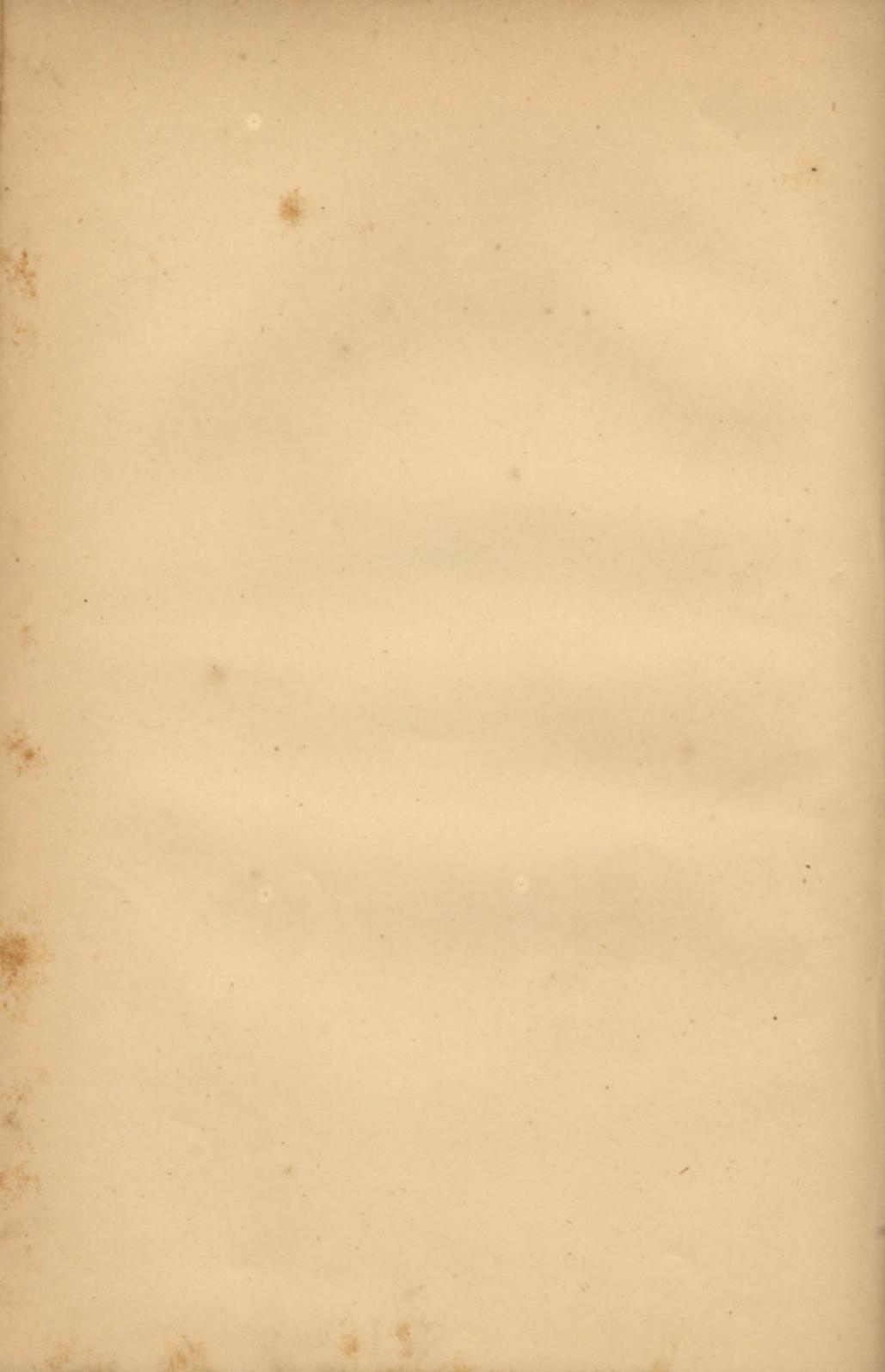
A morte implacavel acaba de rotular mais um jazigo de rei com a fórmula velha e um tanto materialista — *Aqui jaz.* A estas palavras a philosophia recalitrante responde: Pouco importa, porque « a historia é uma resurreição ». E a religião, de joelhos ante aquelle monumento, entoa uma palavra mais sublime e verdadeira ainda: « Não chameis D. Luiz ao seu cadaver: o espirito evolou-se para a patria do espirito. Dai-lhe, Senhor, o eterno descanso e scintille sobre elle a luz da vossa perpetua bemaventurança. »

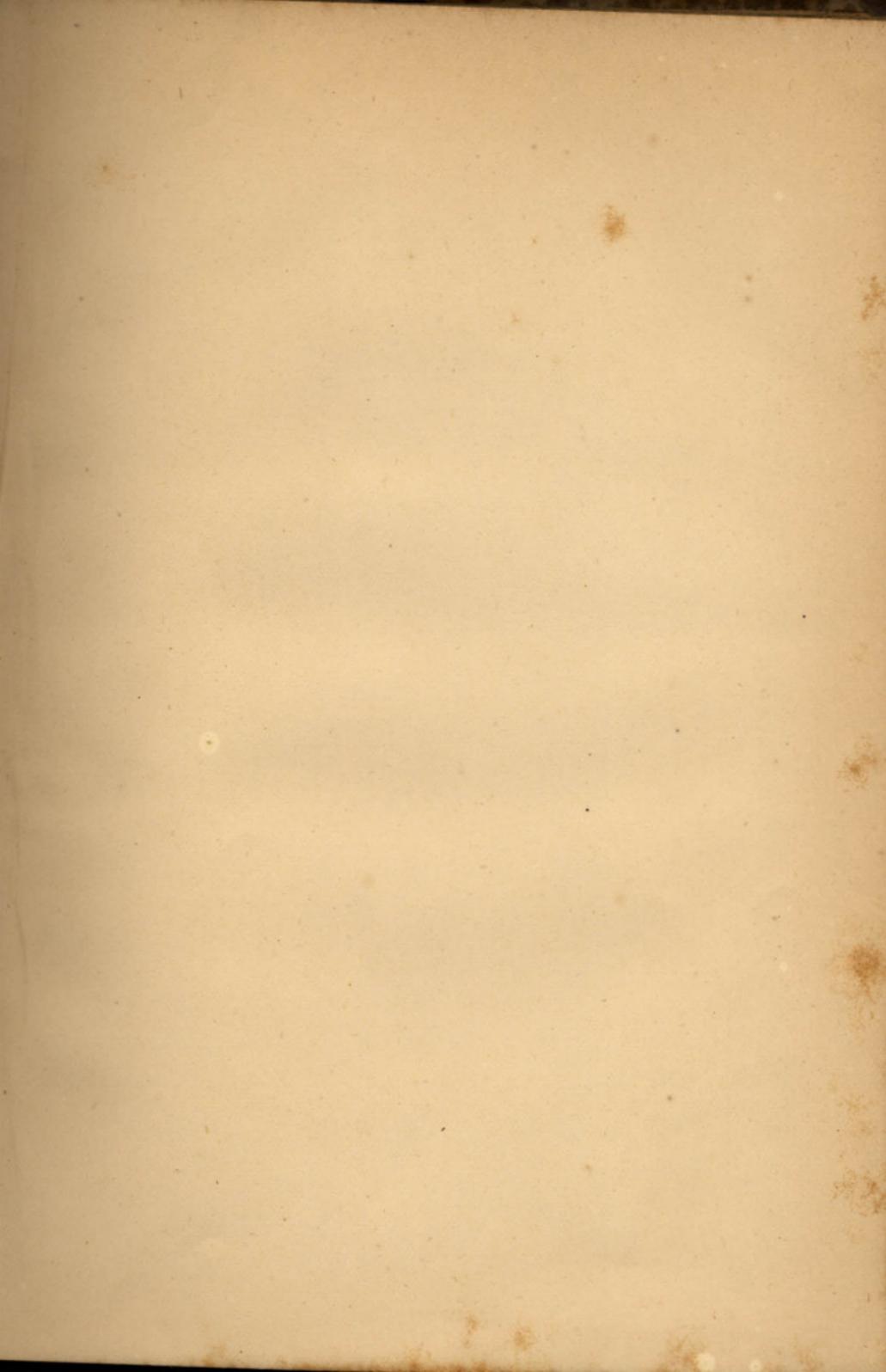




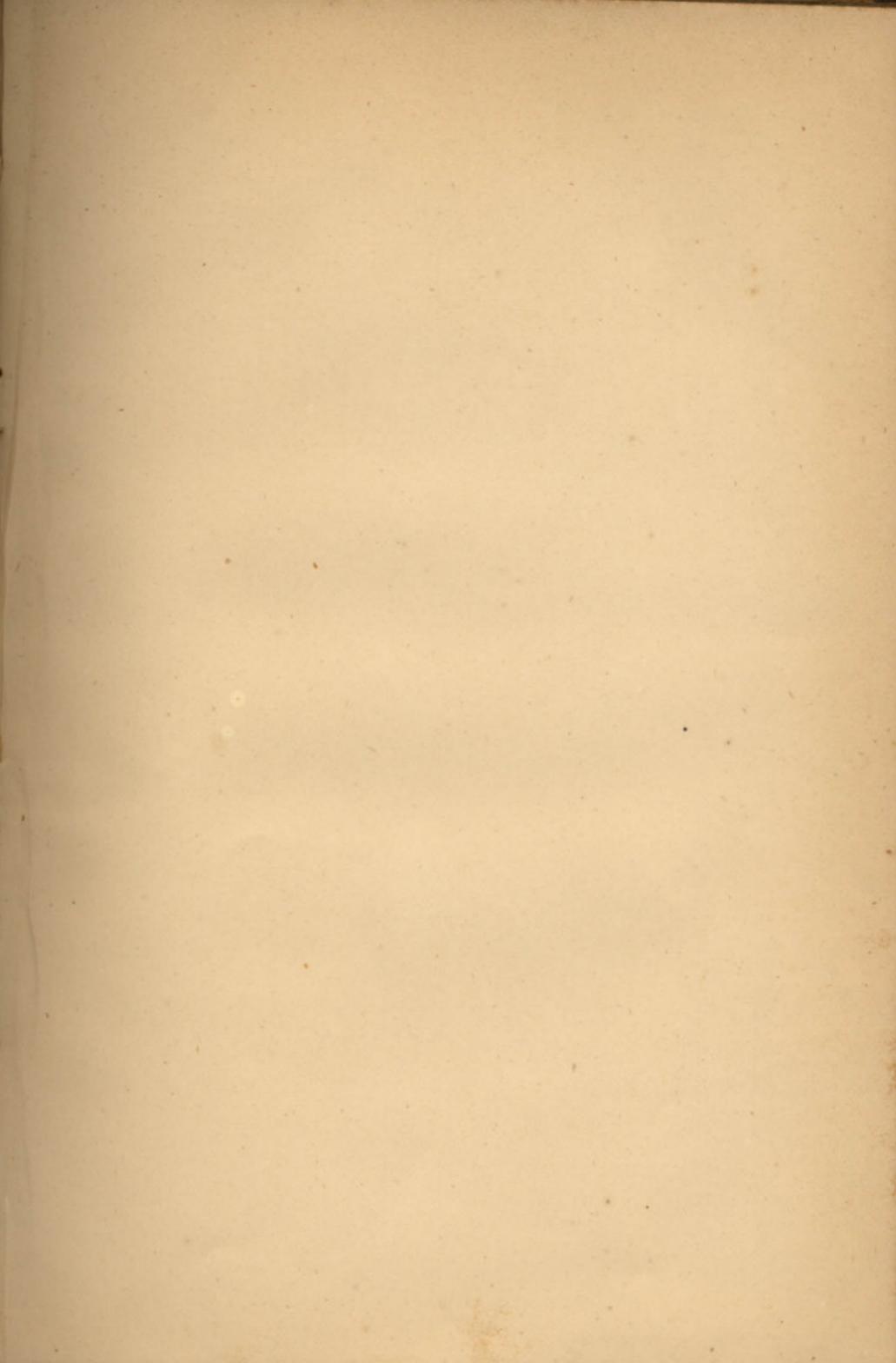


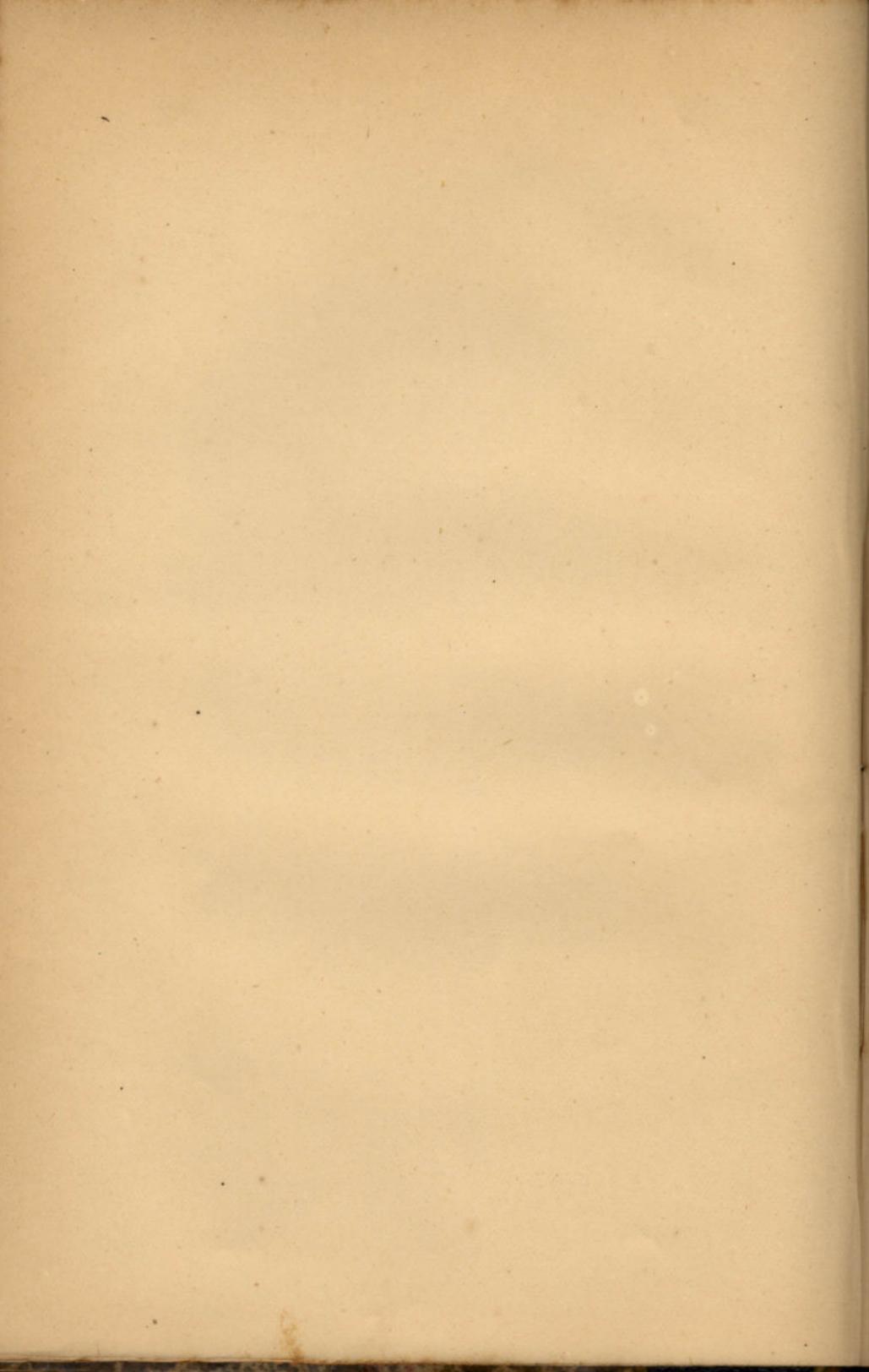




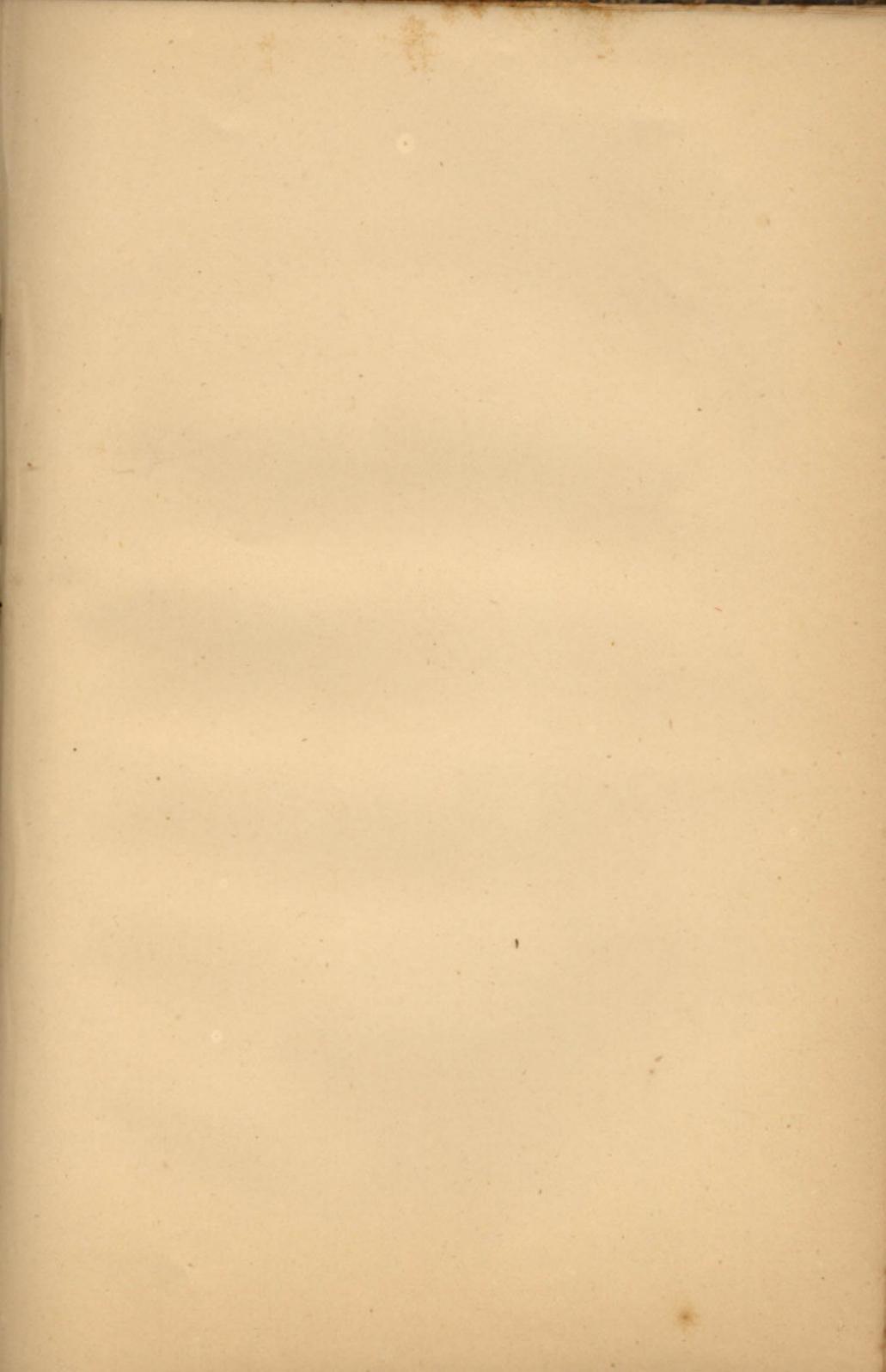


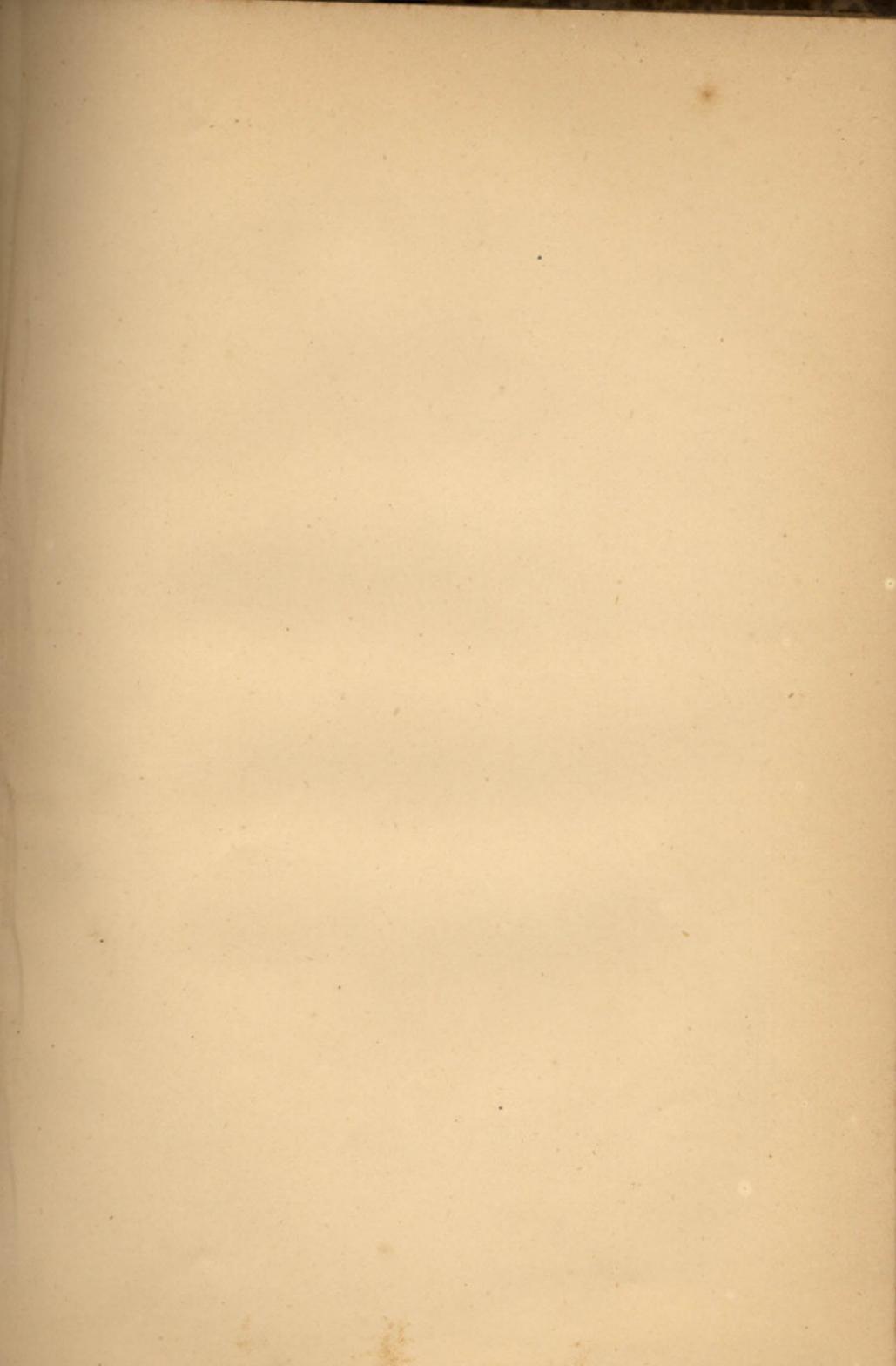




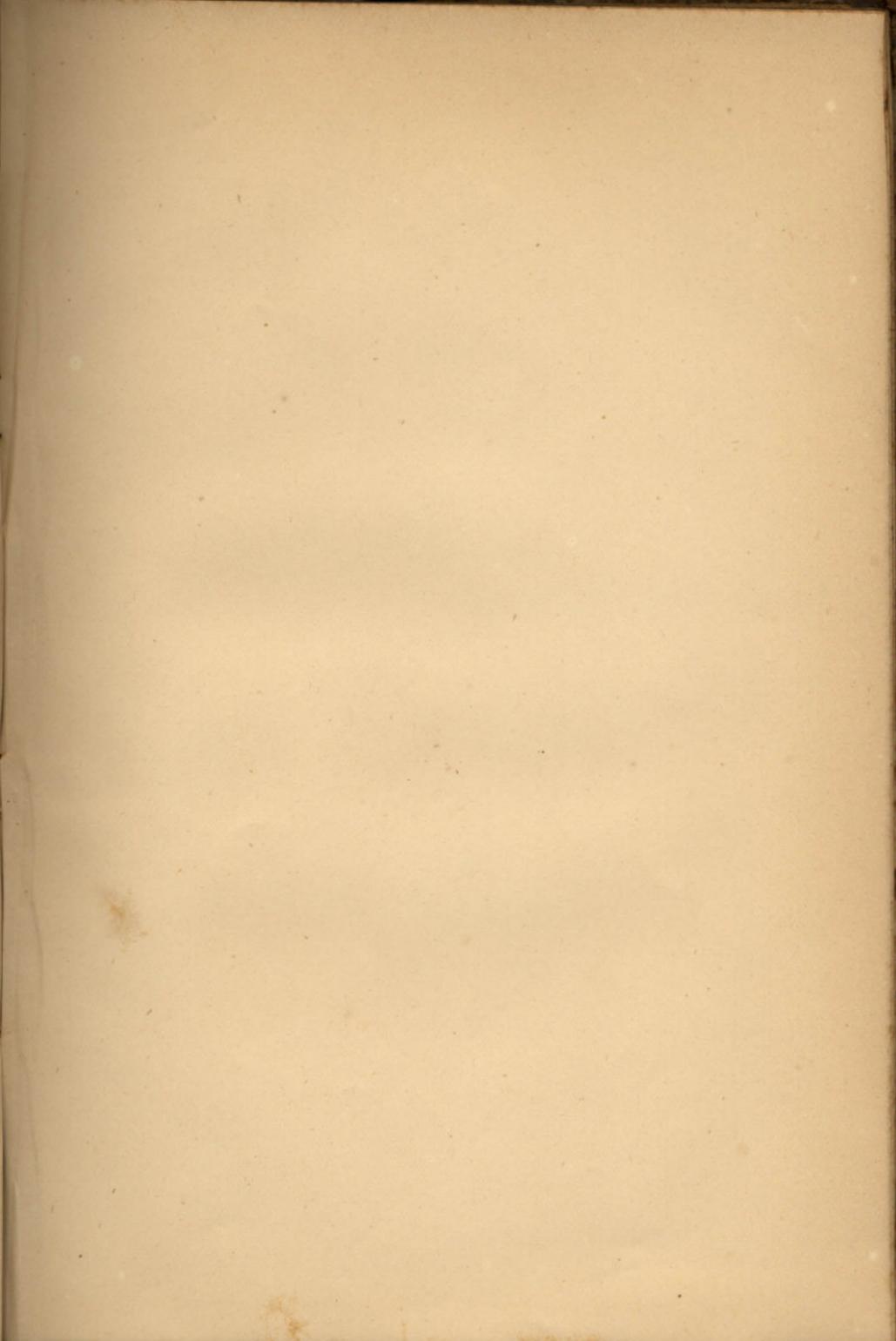


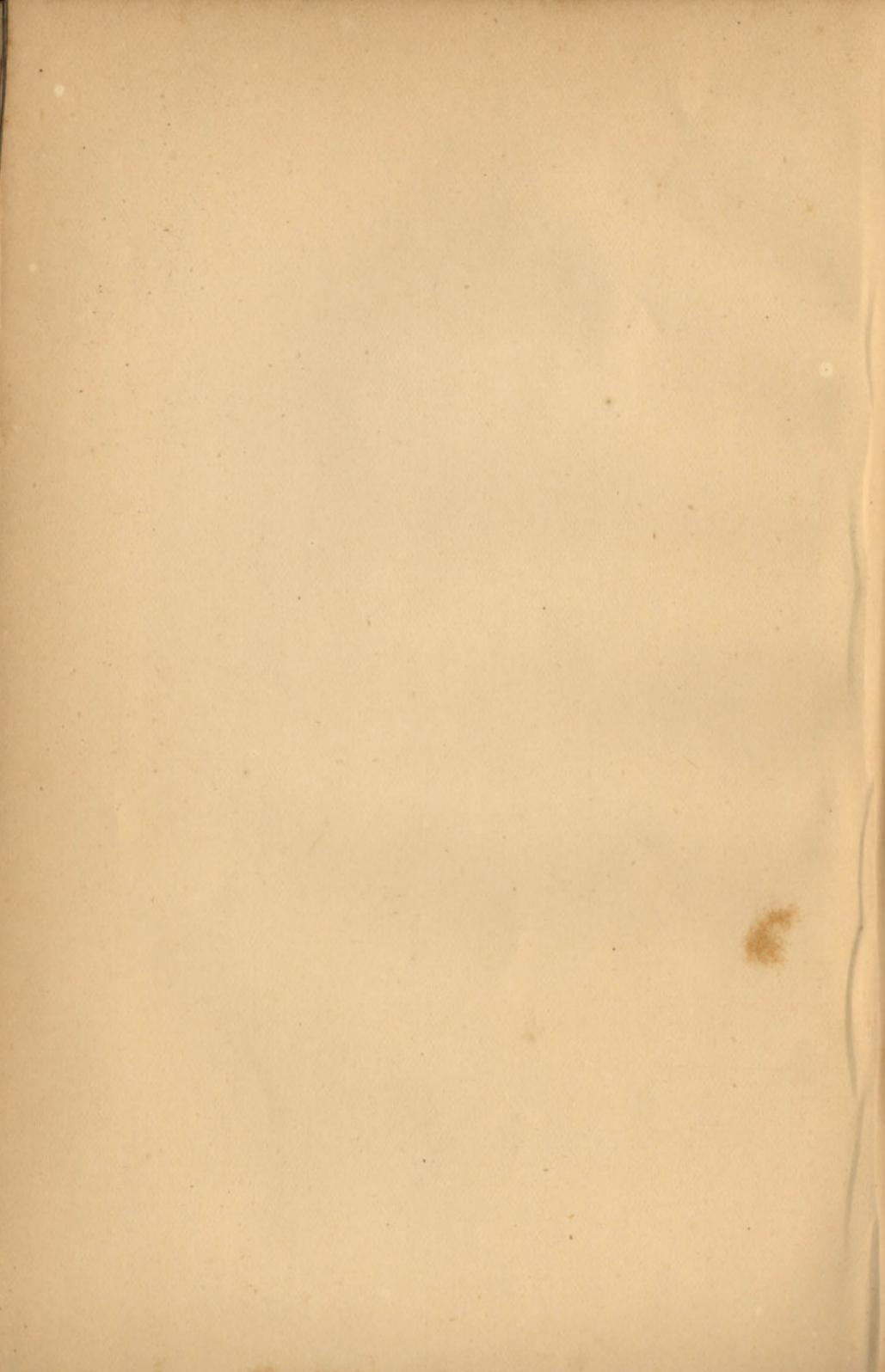
Escuela No. de Bellas Artes  
Biblioteca  
Catal 8-

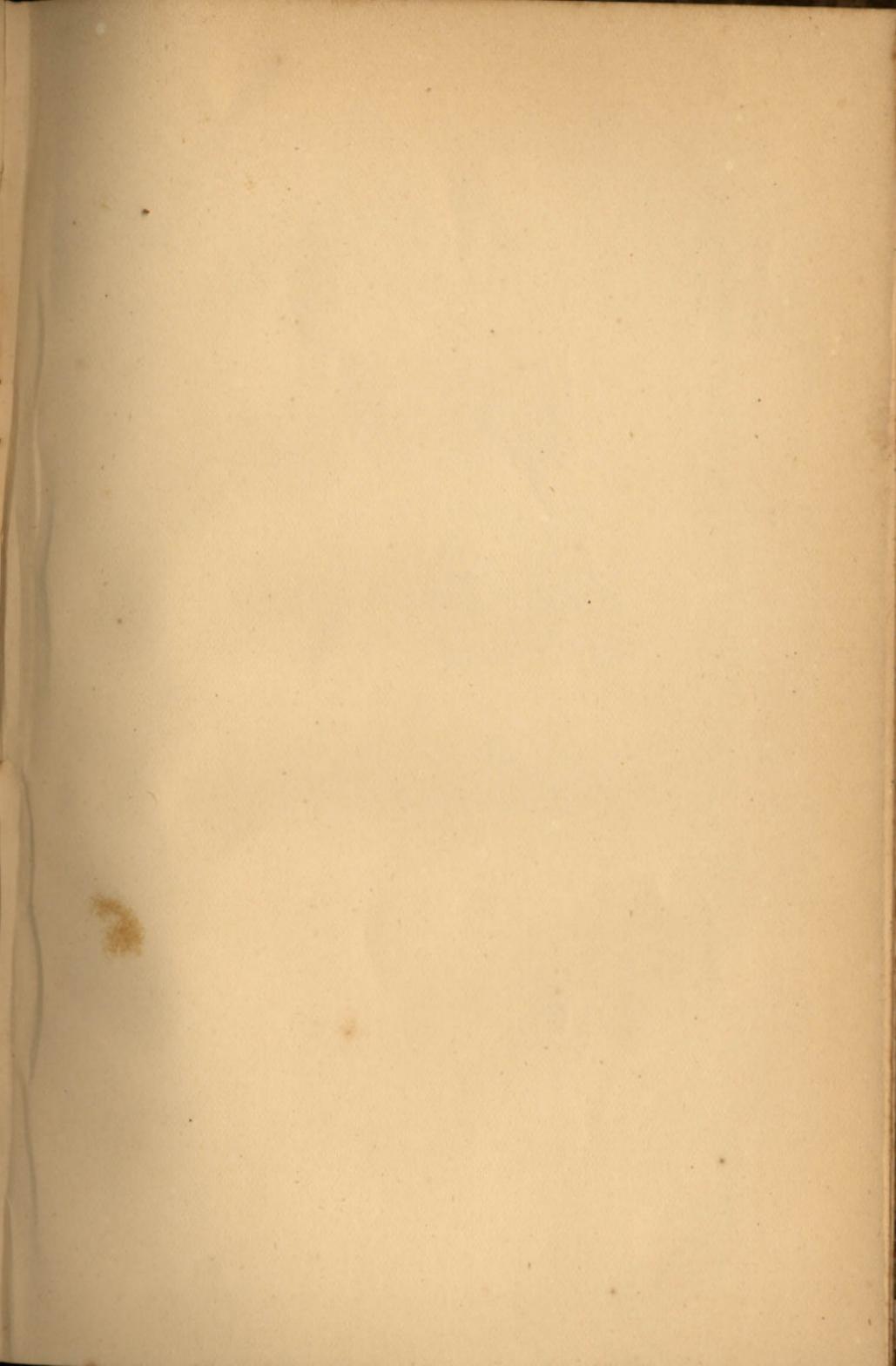


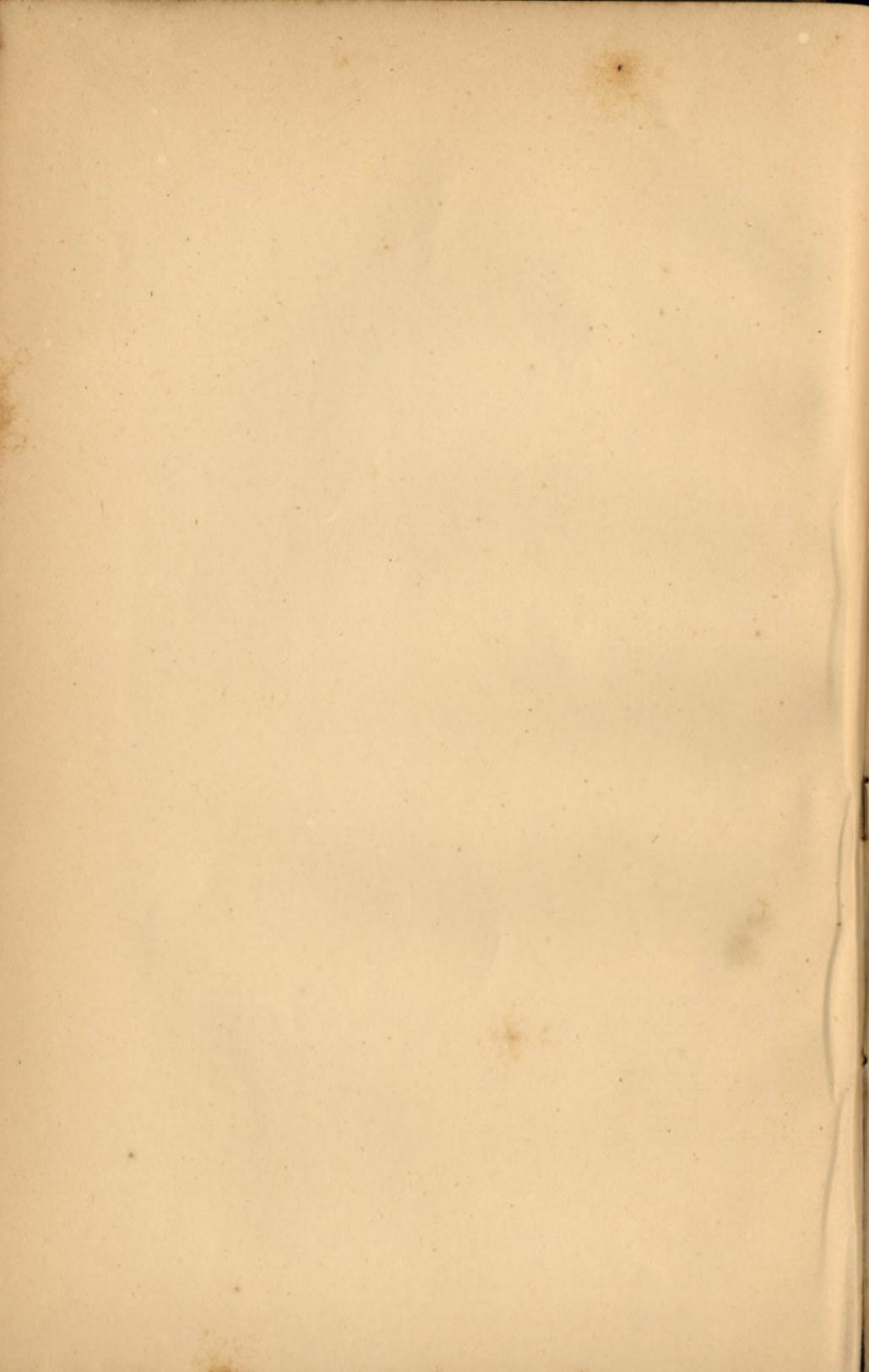


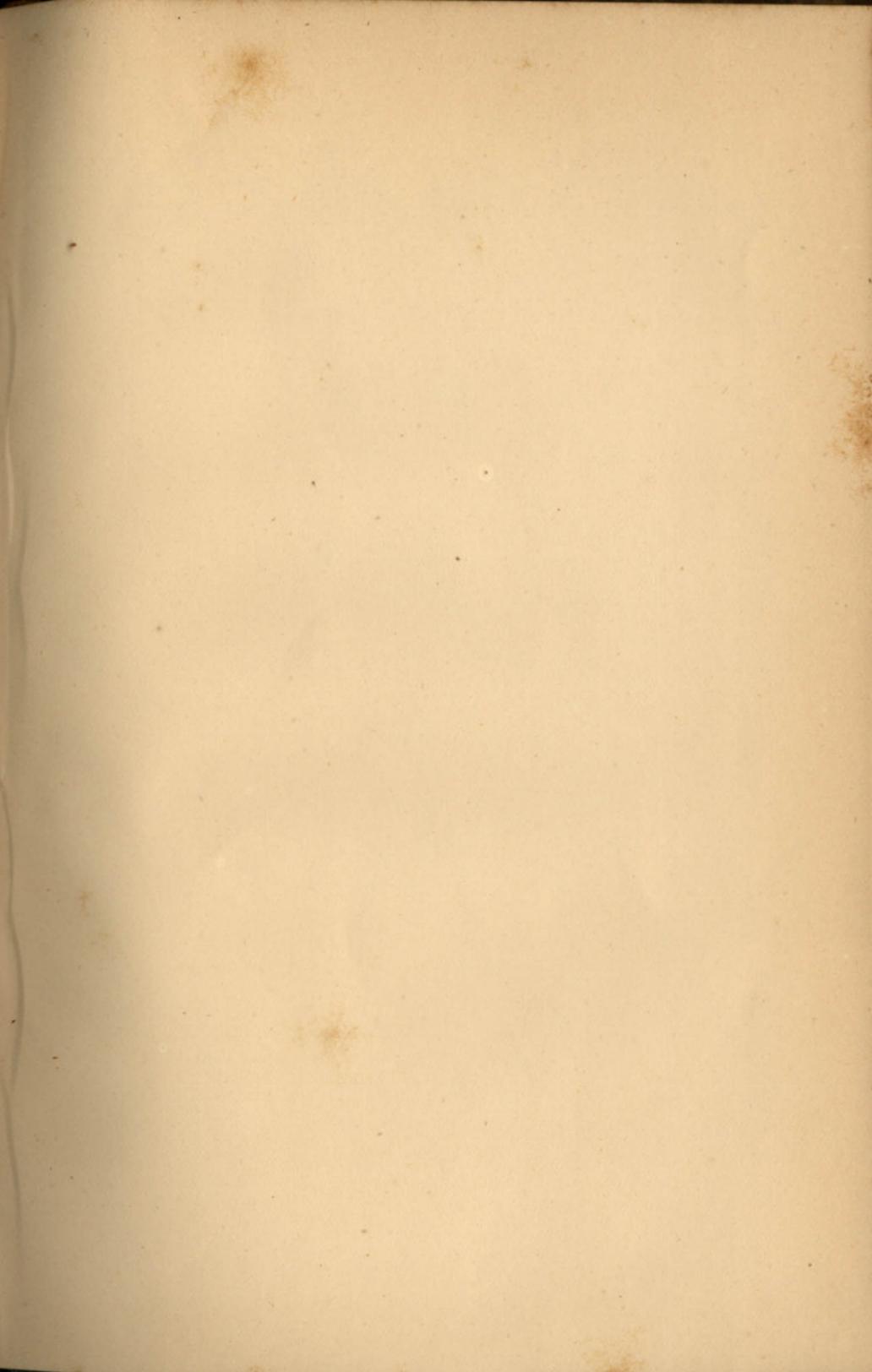


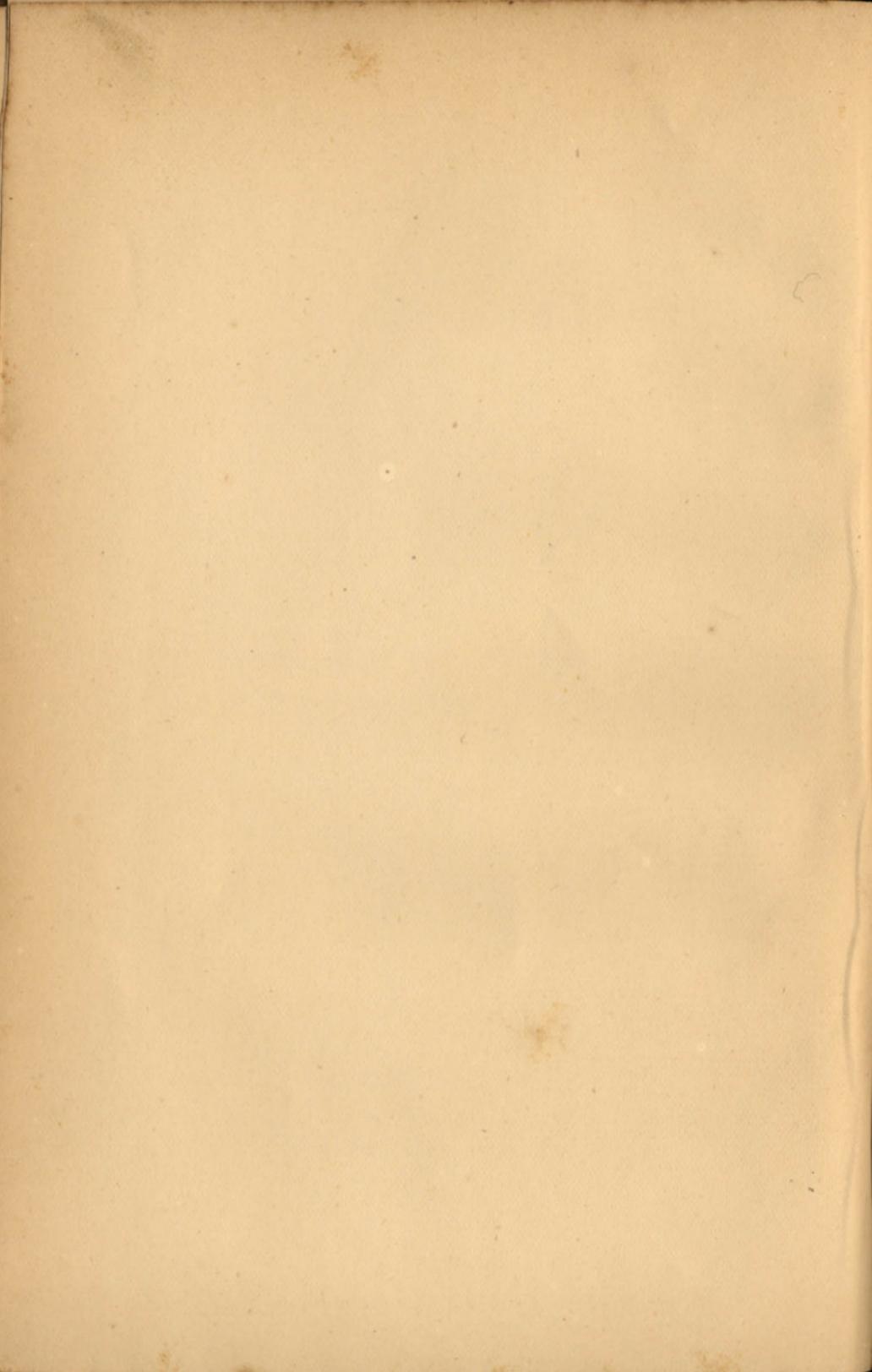


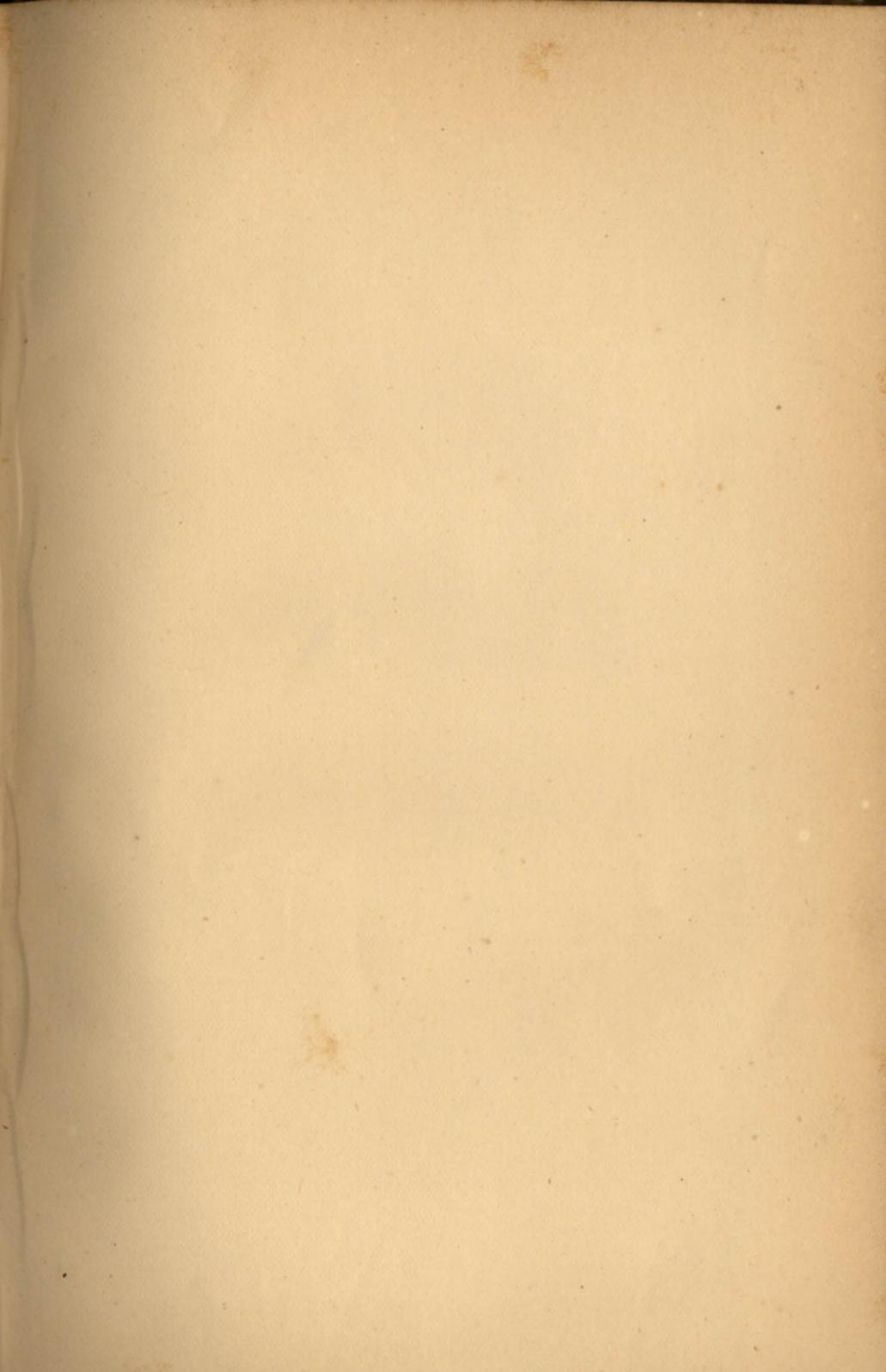


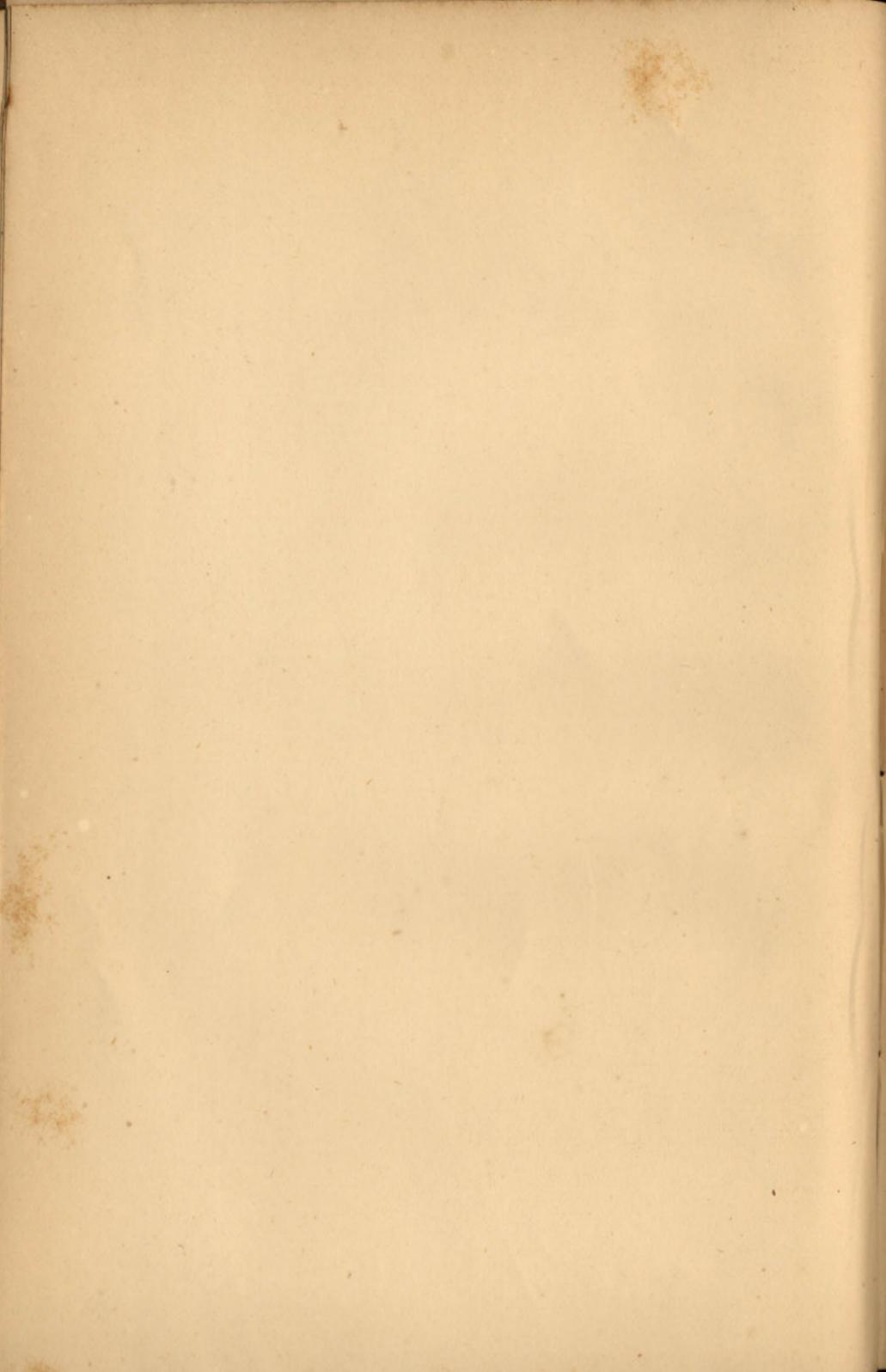


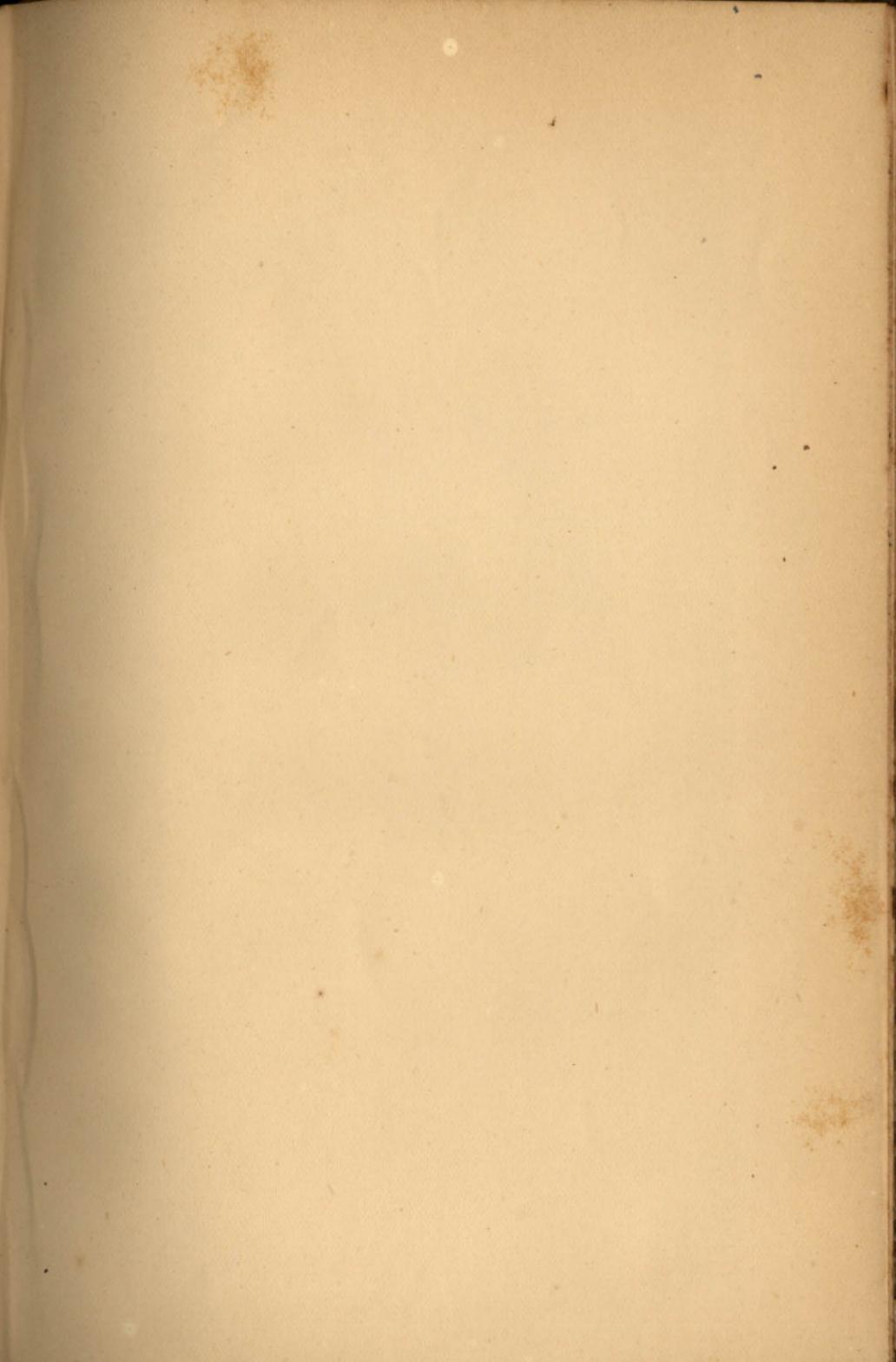


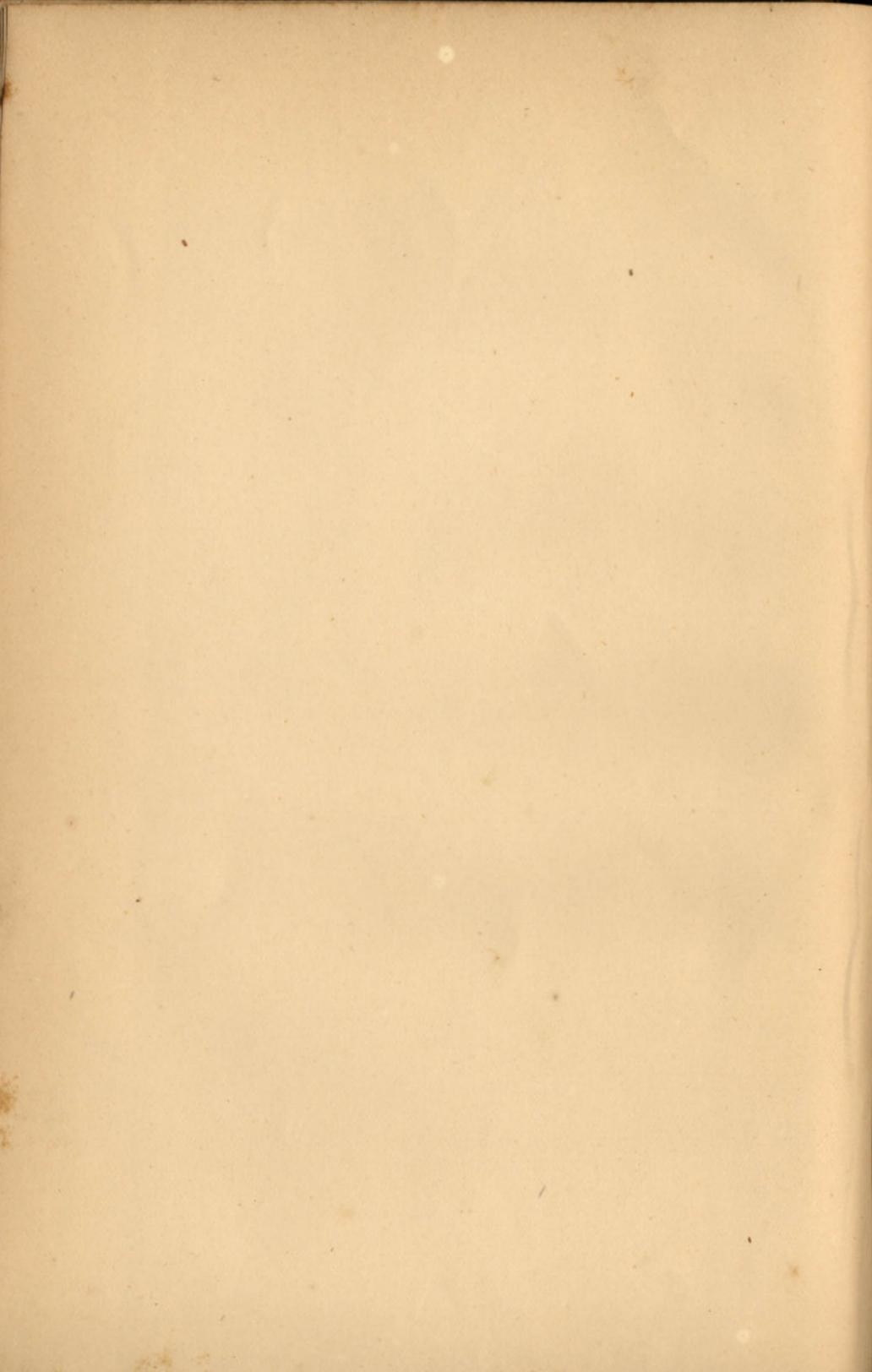


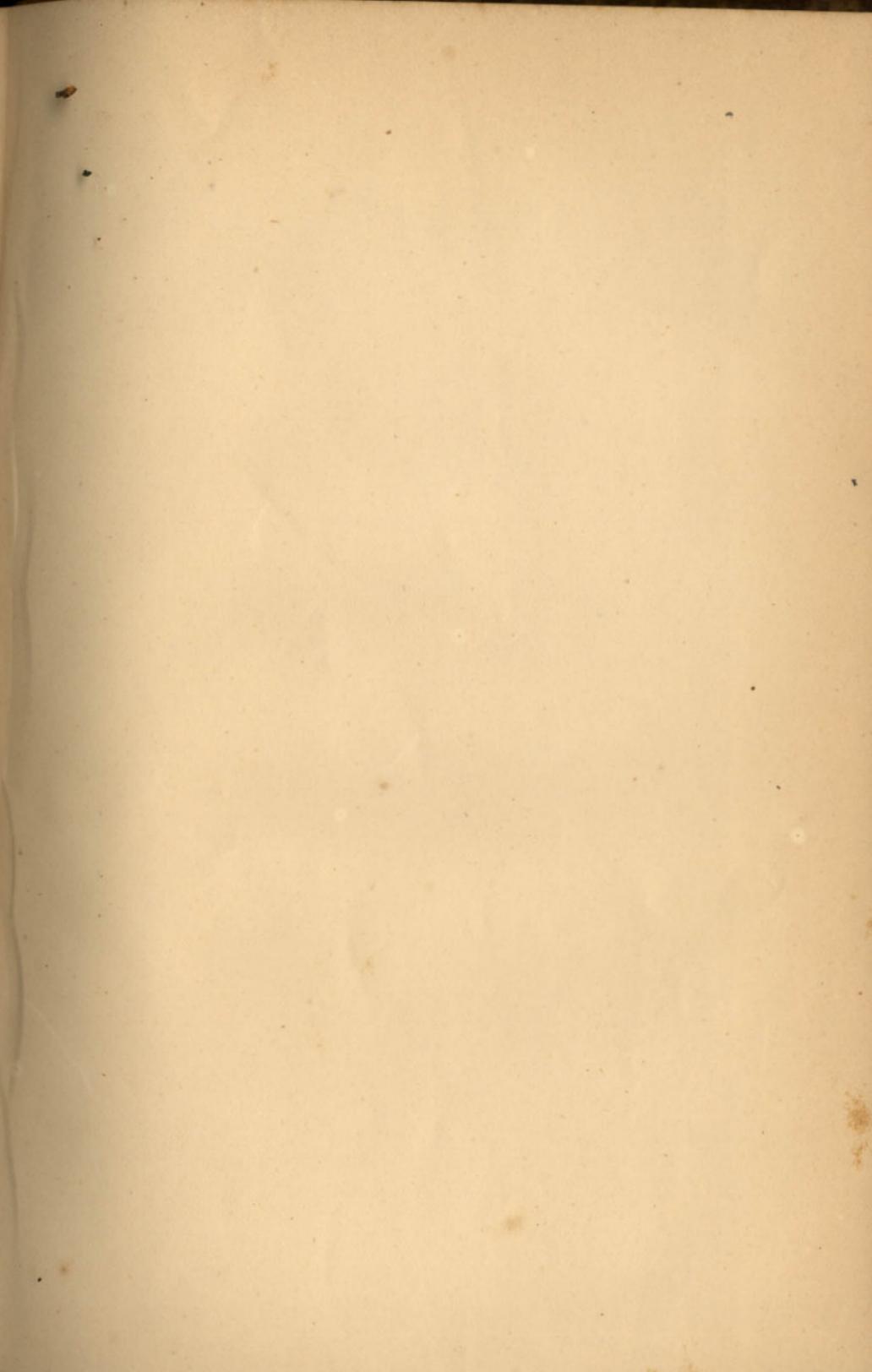


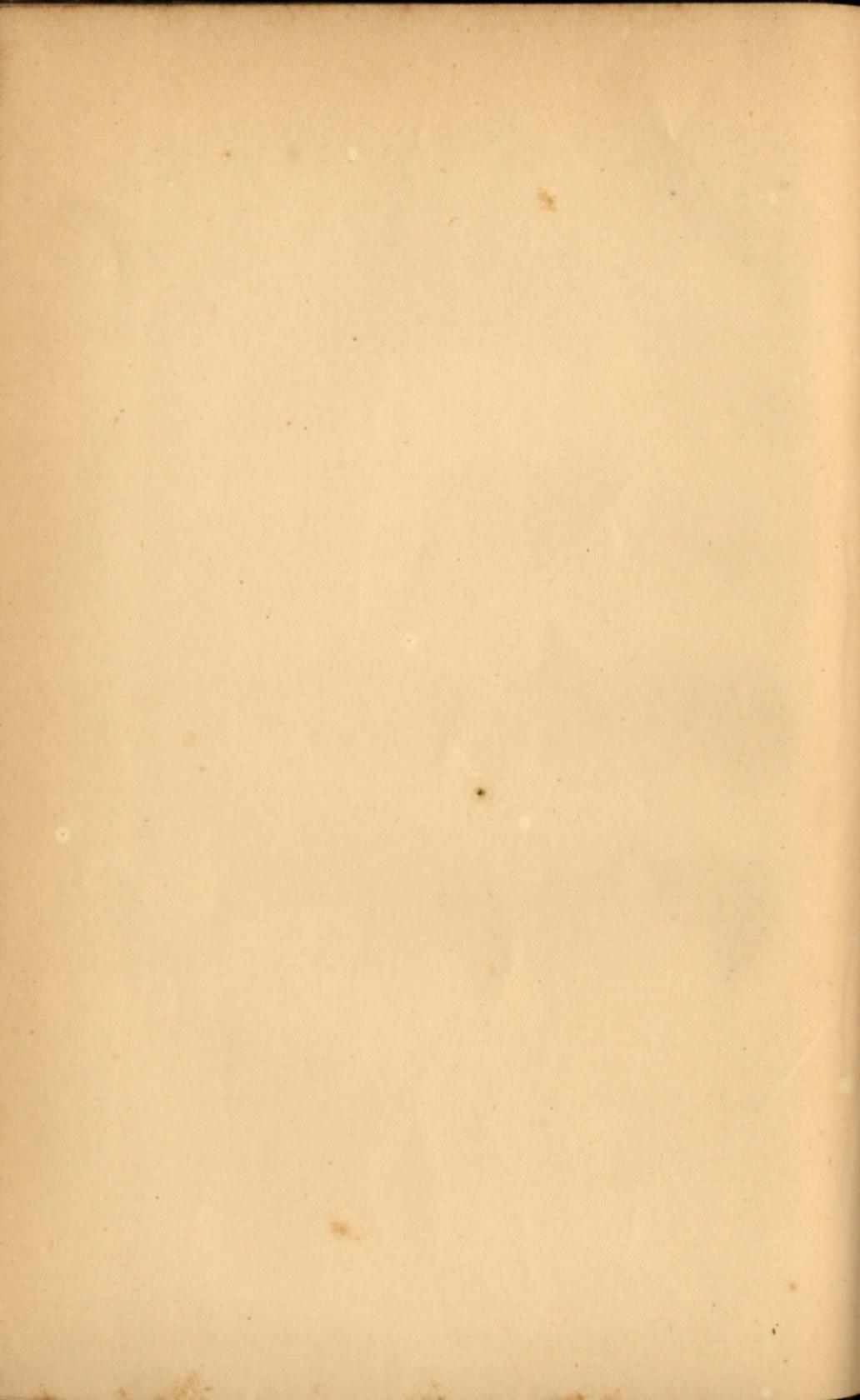


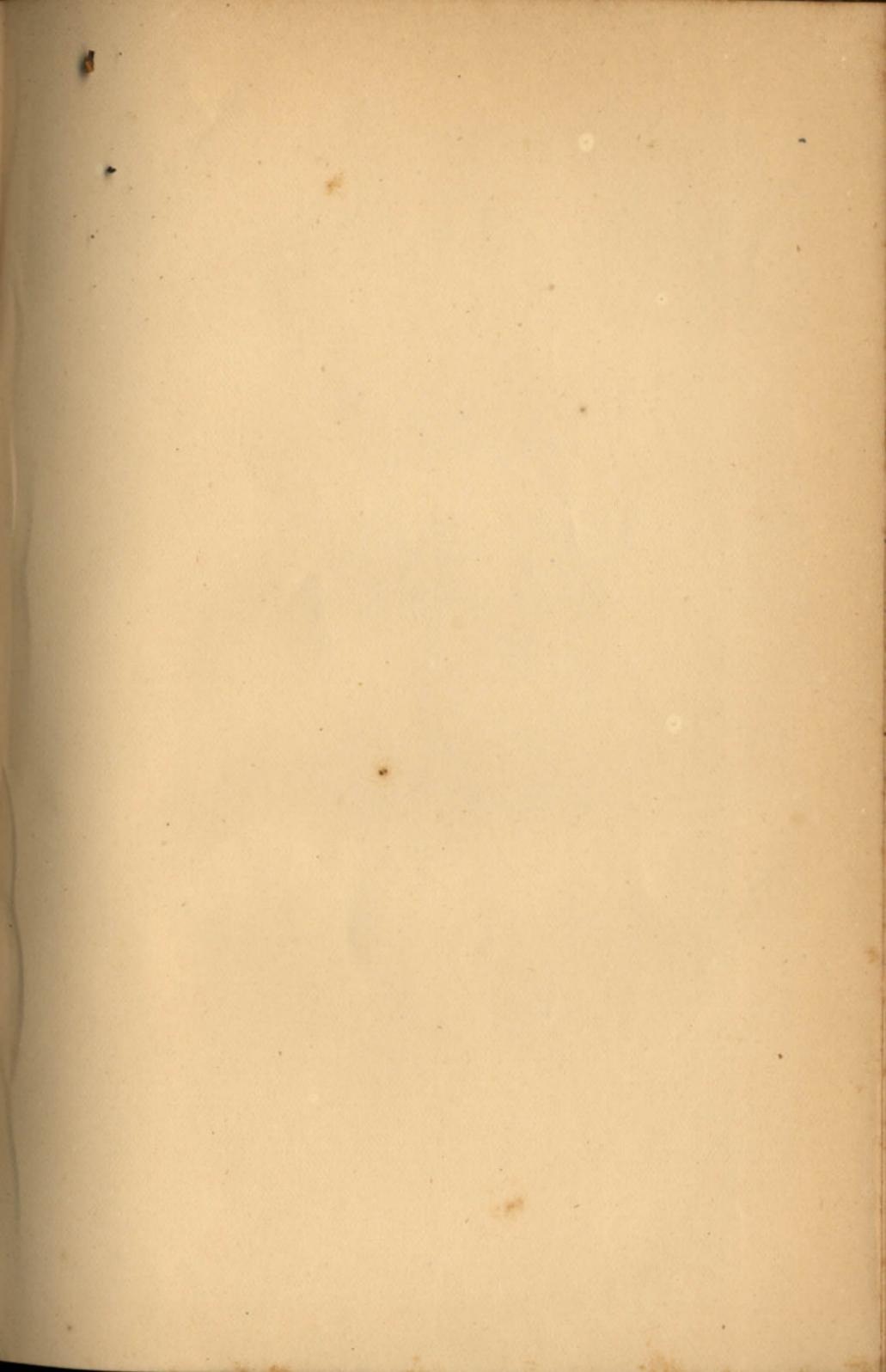


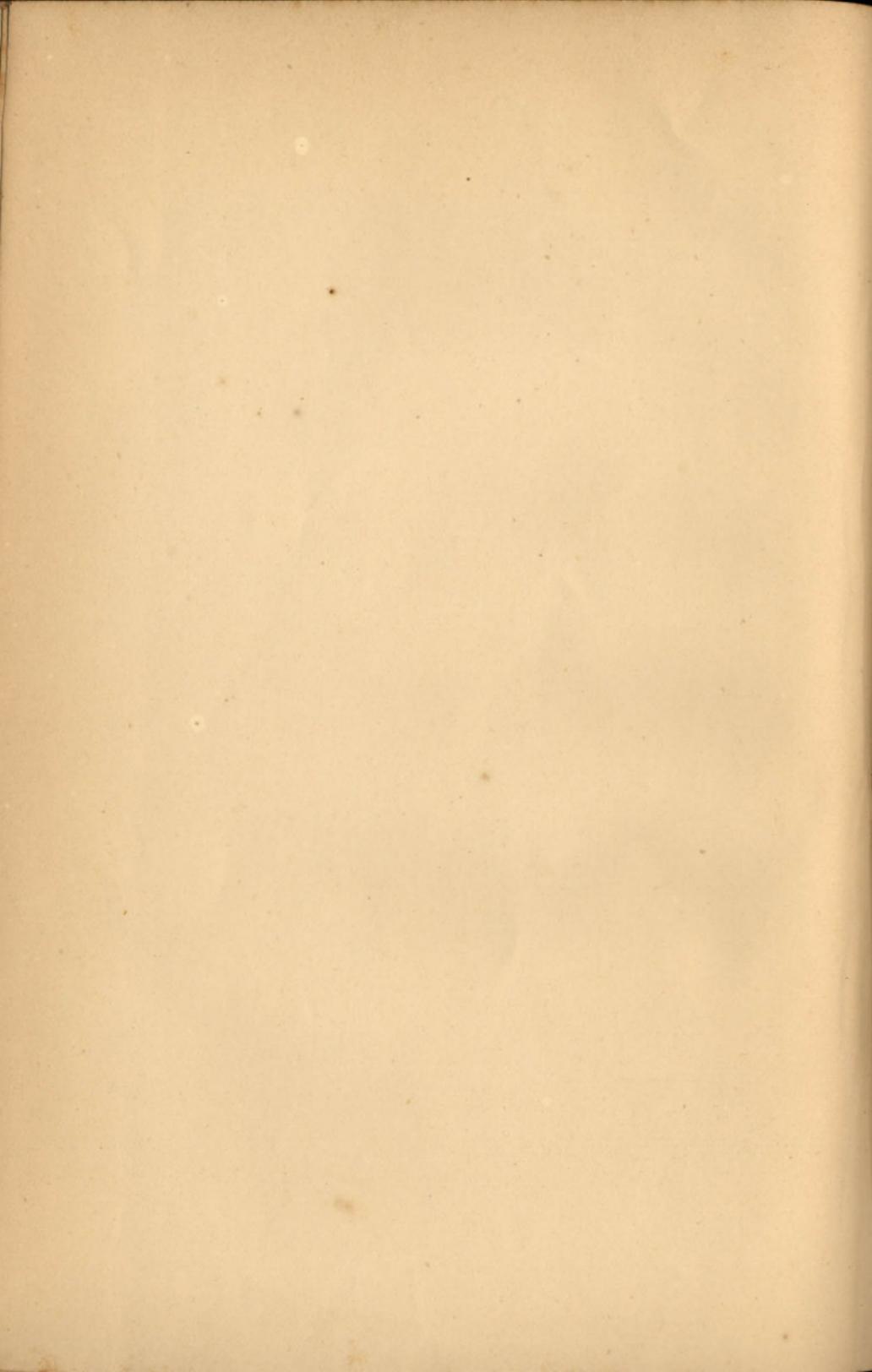


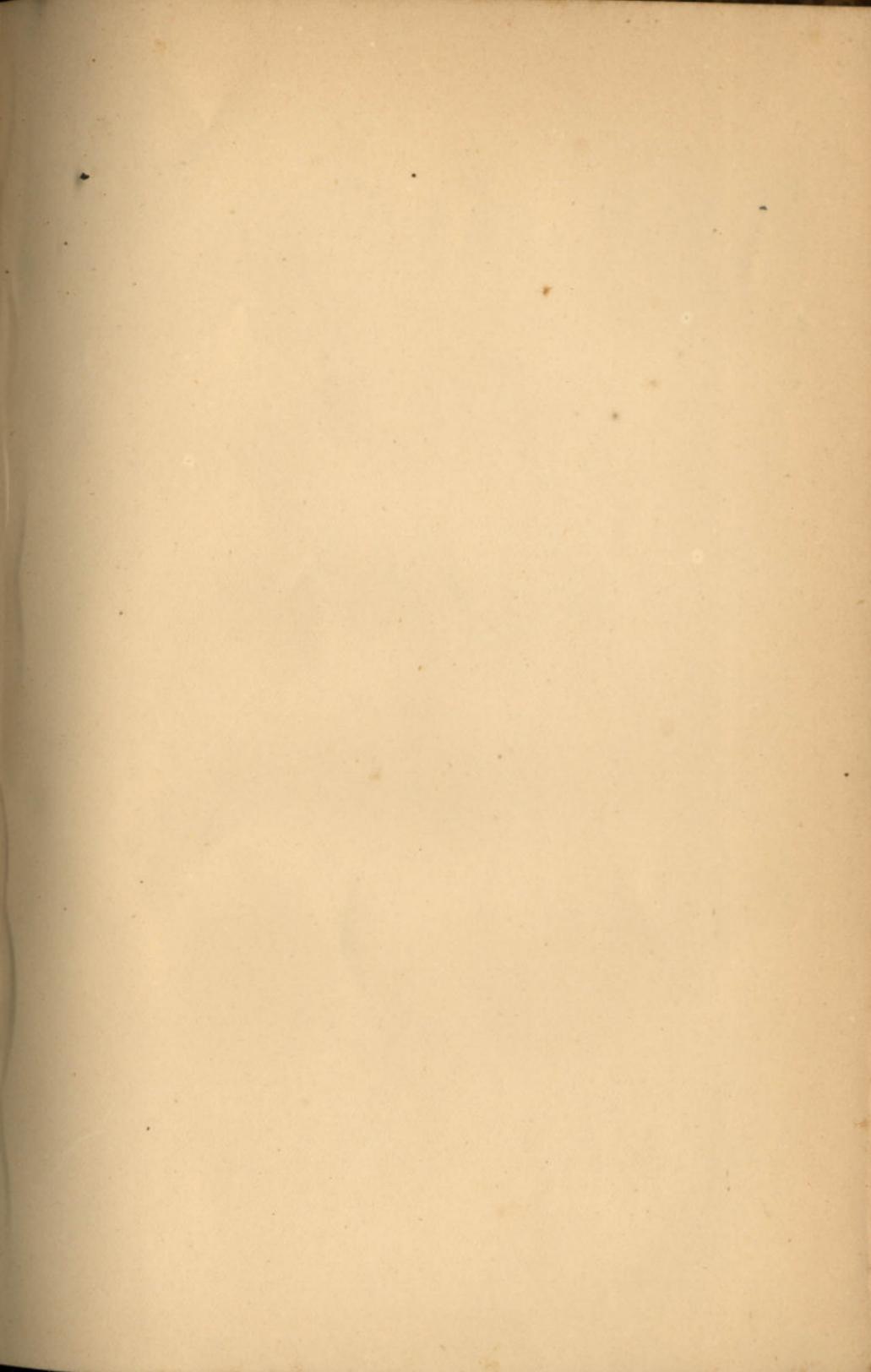


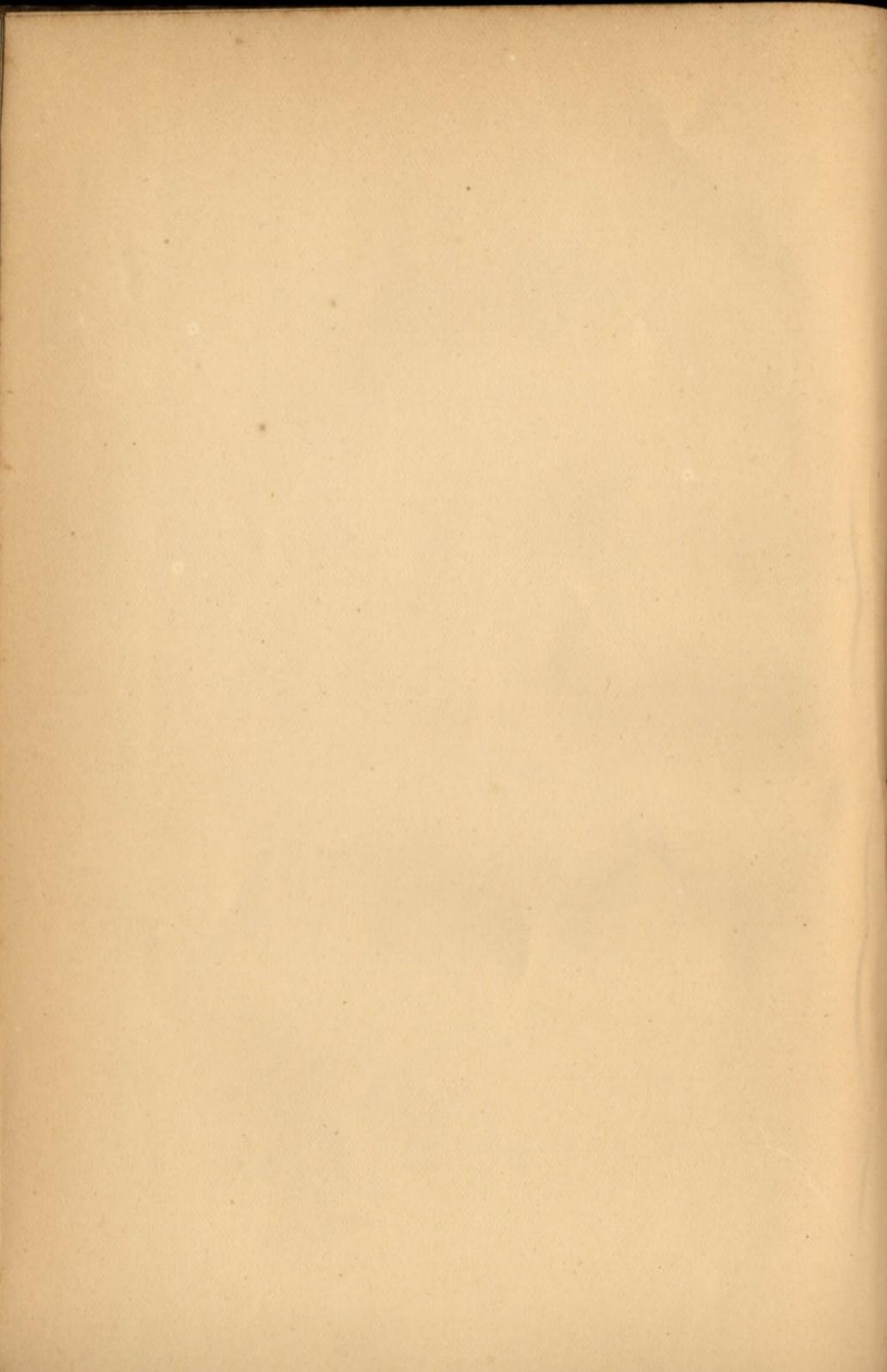


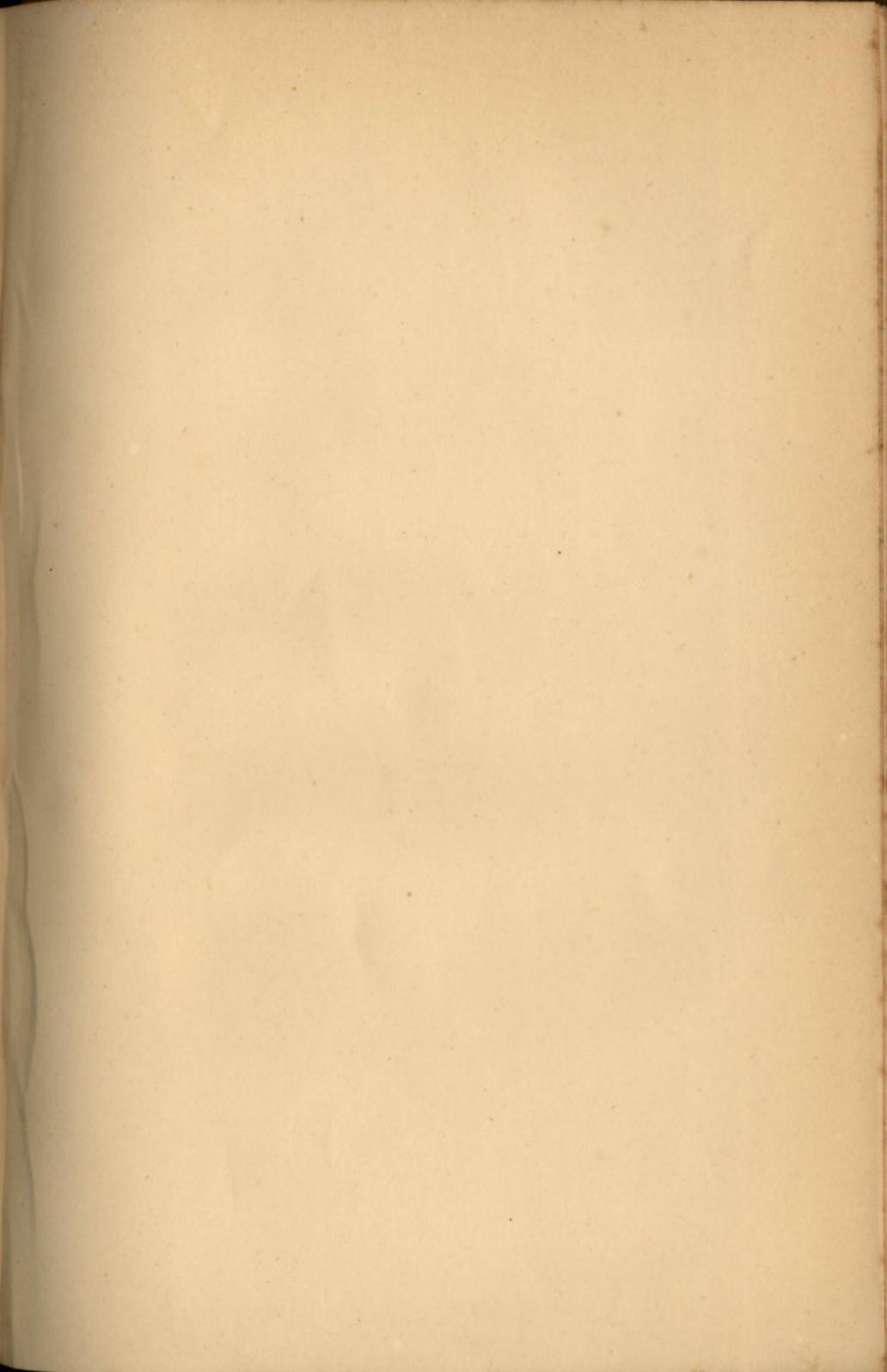


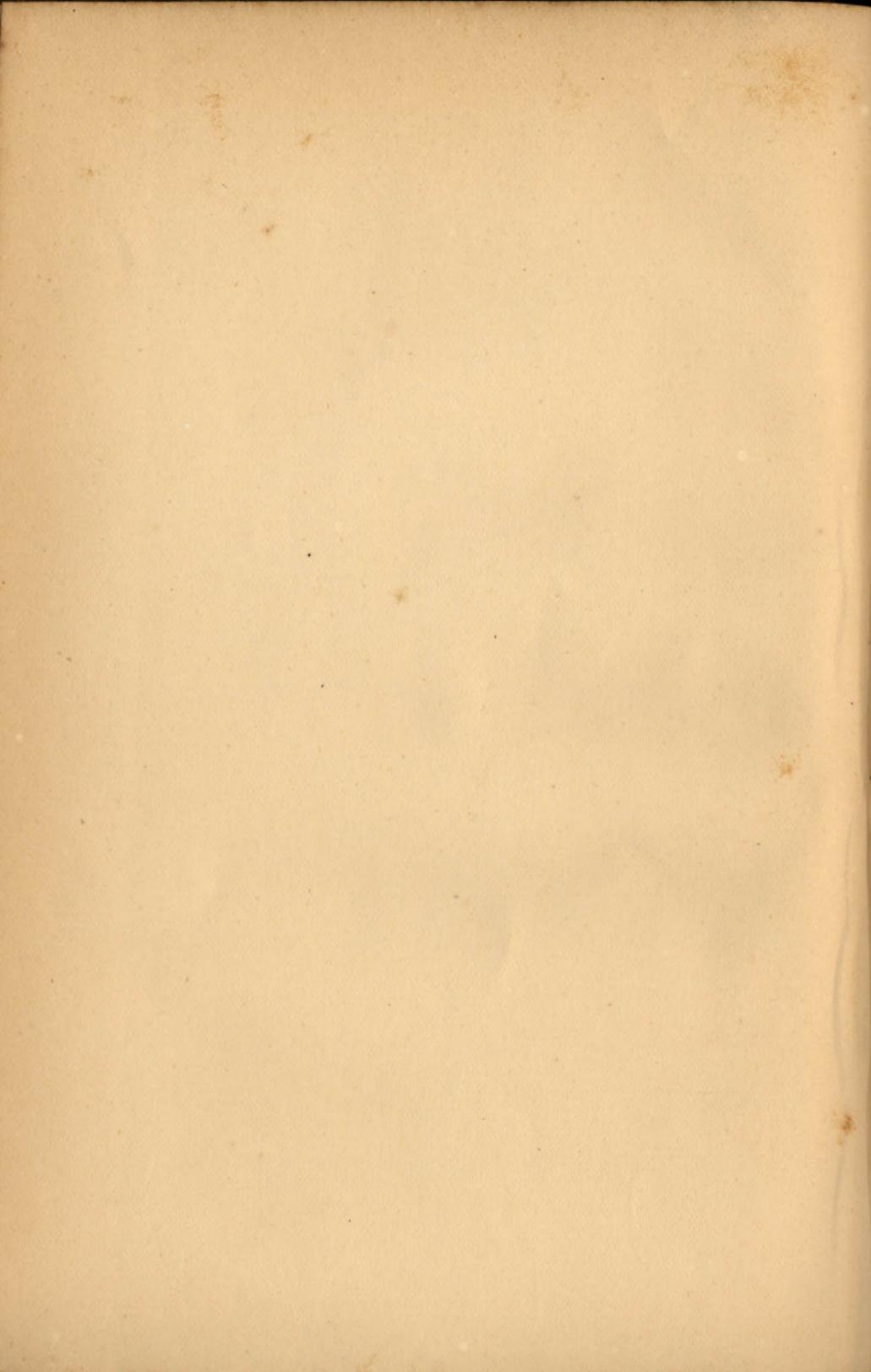


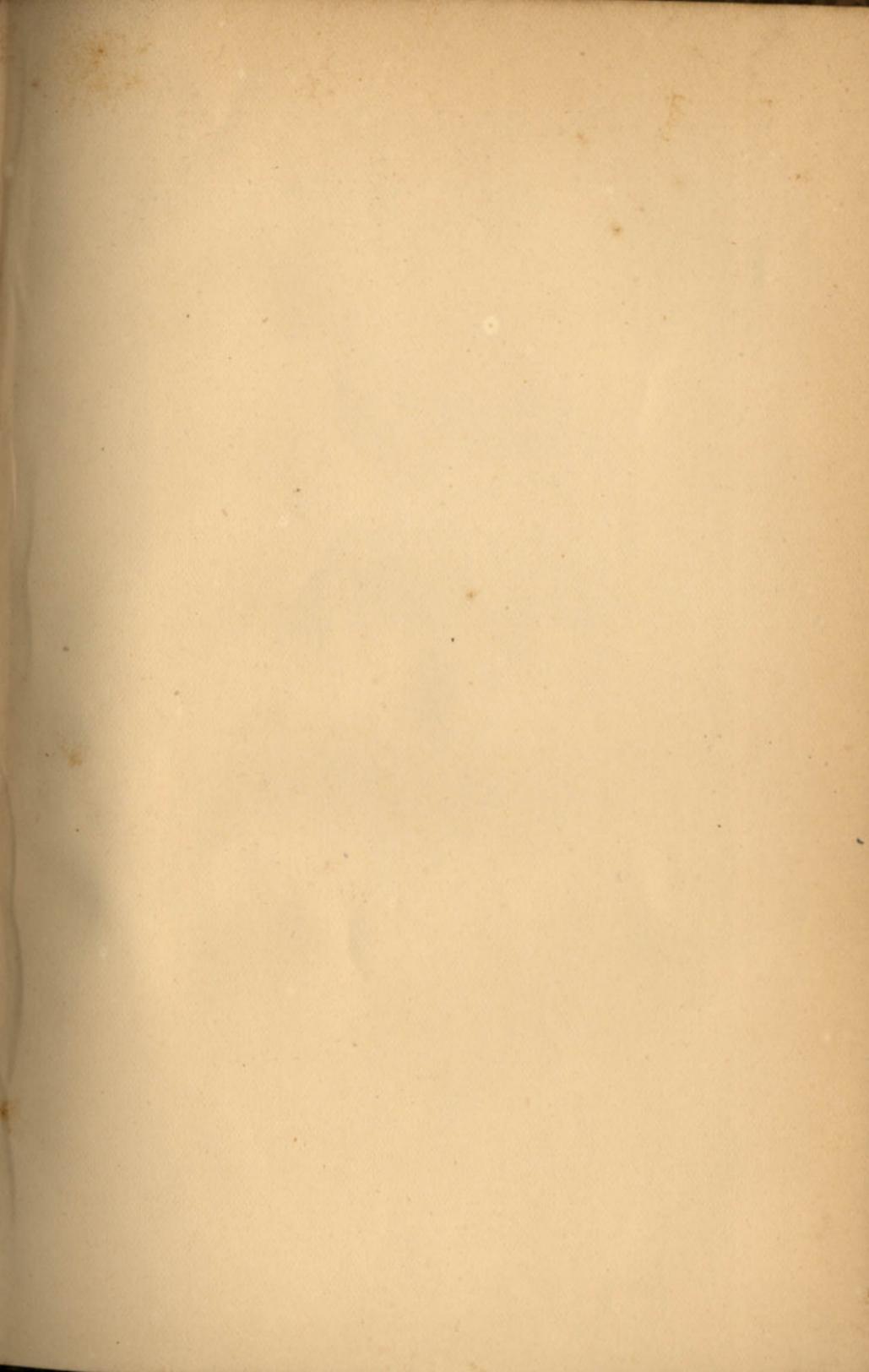


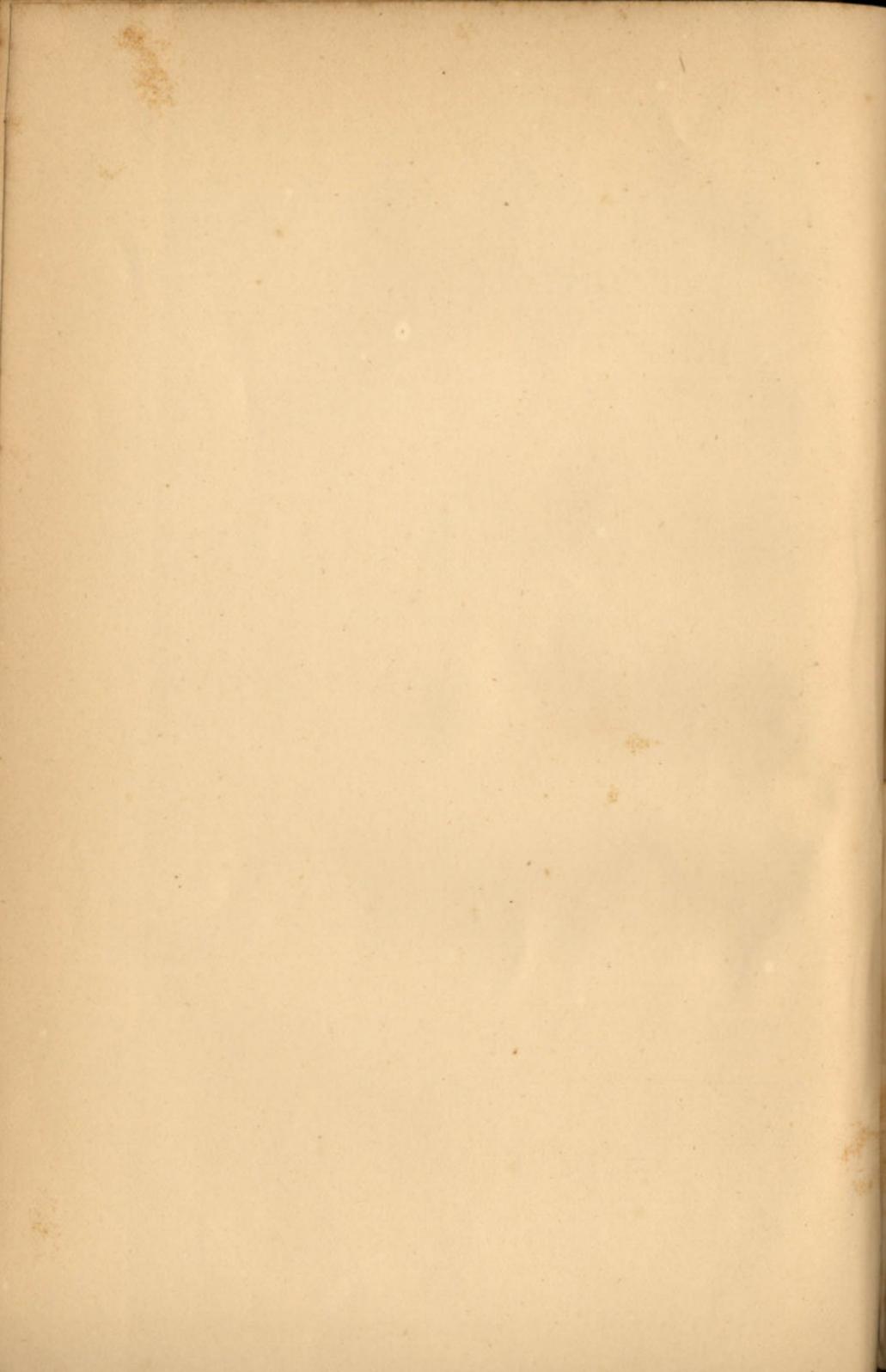


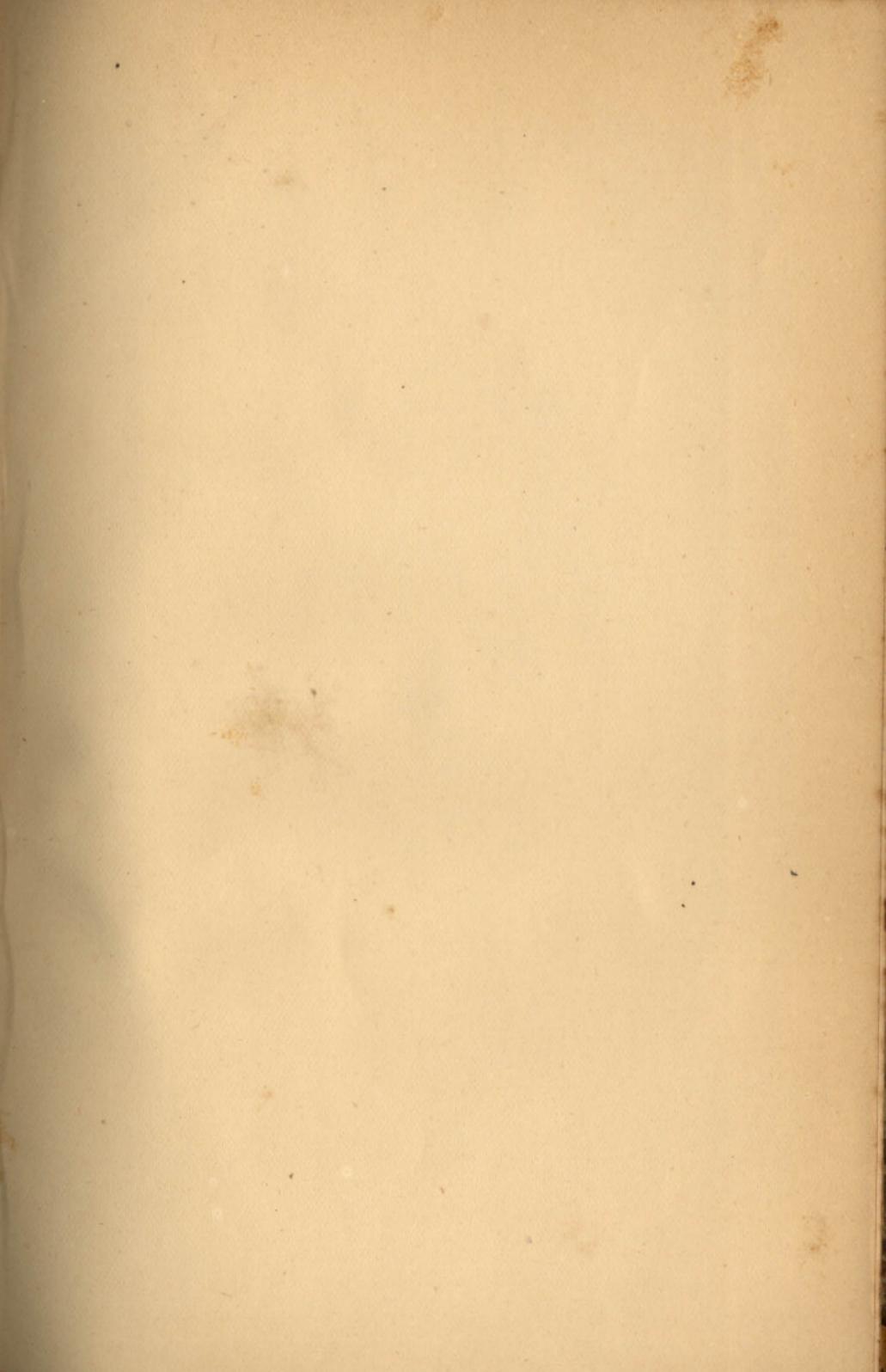


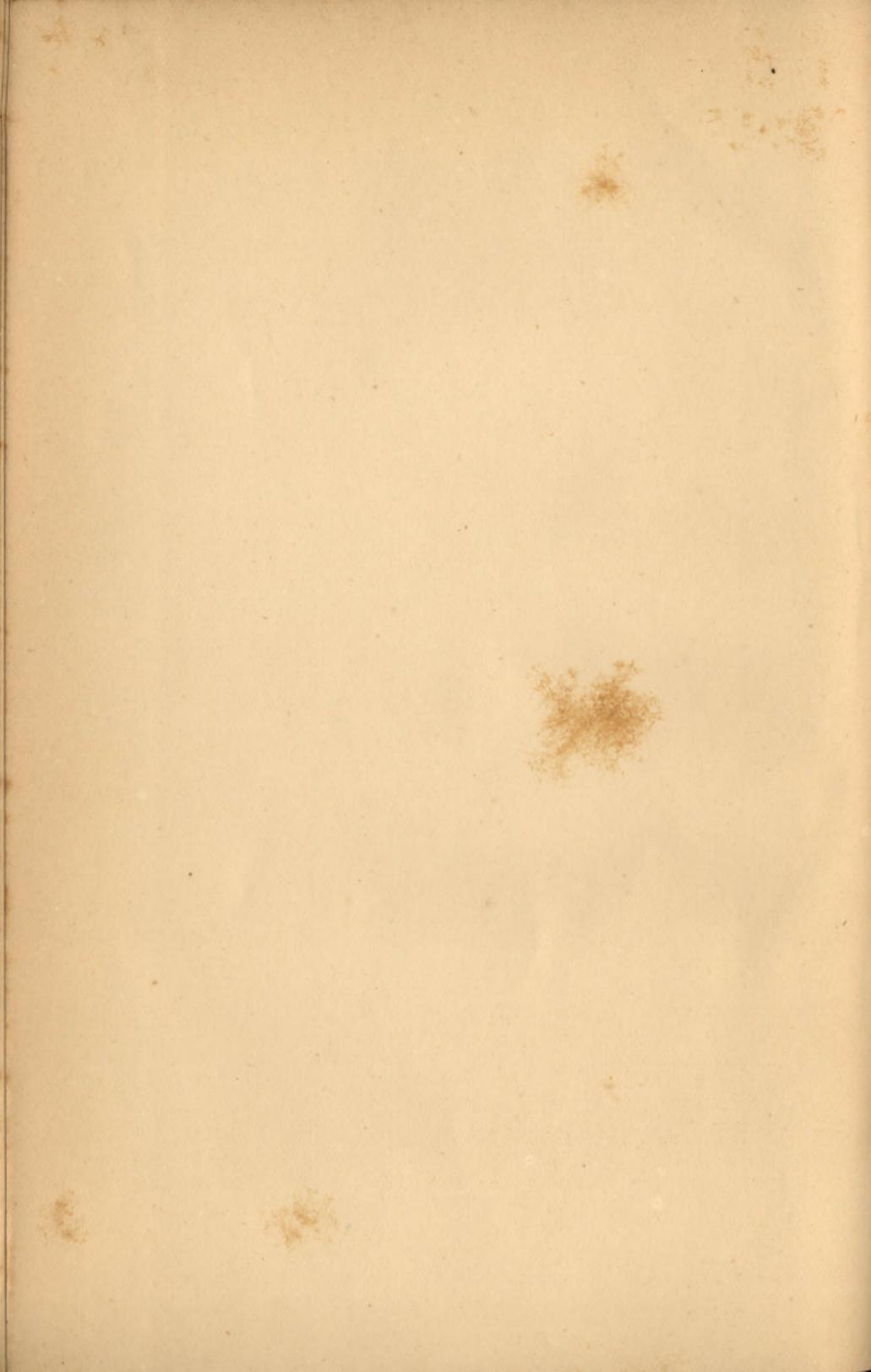


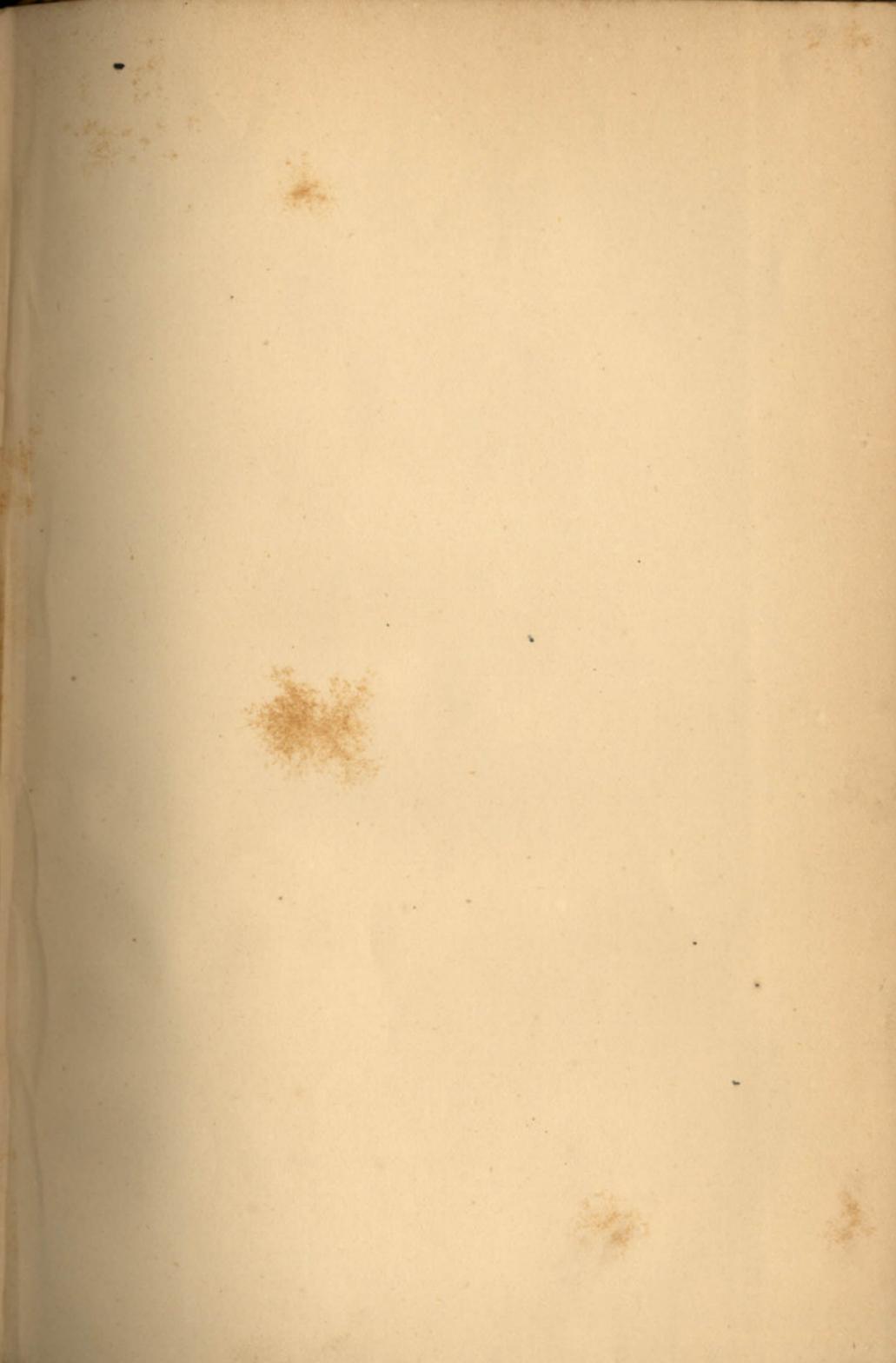


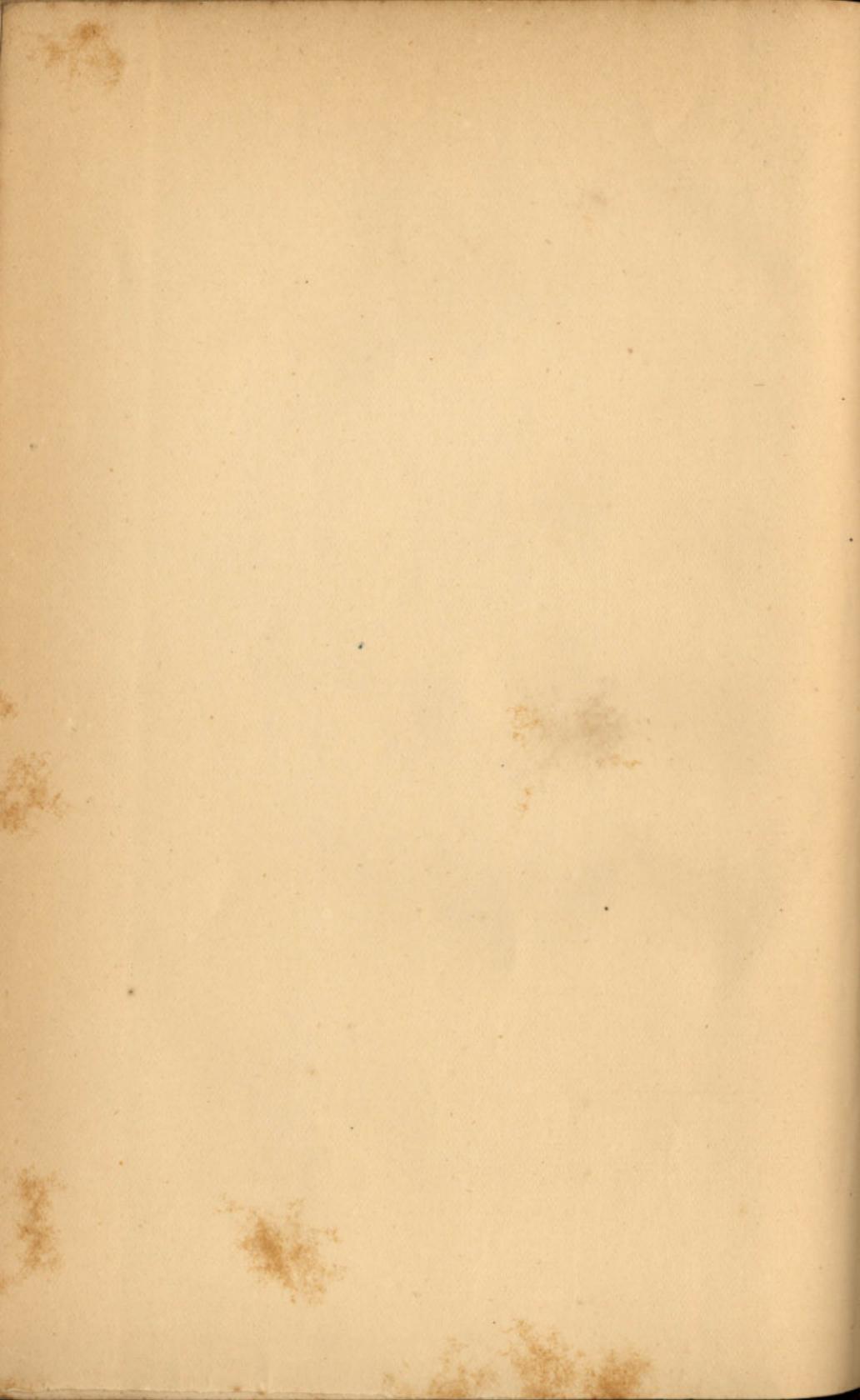


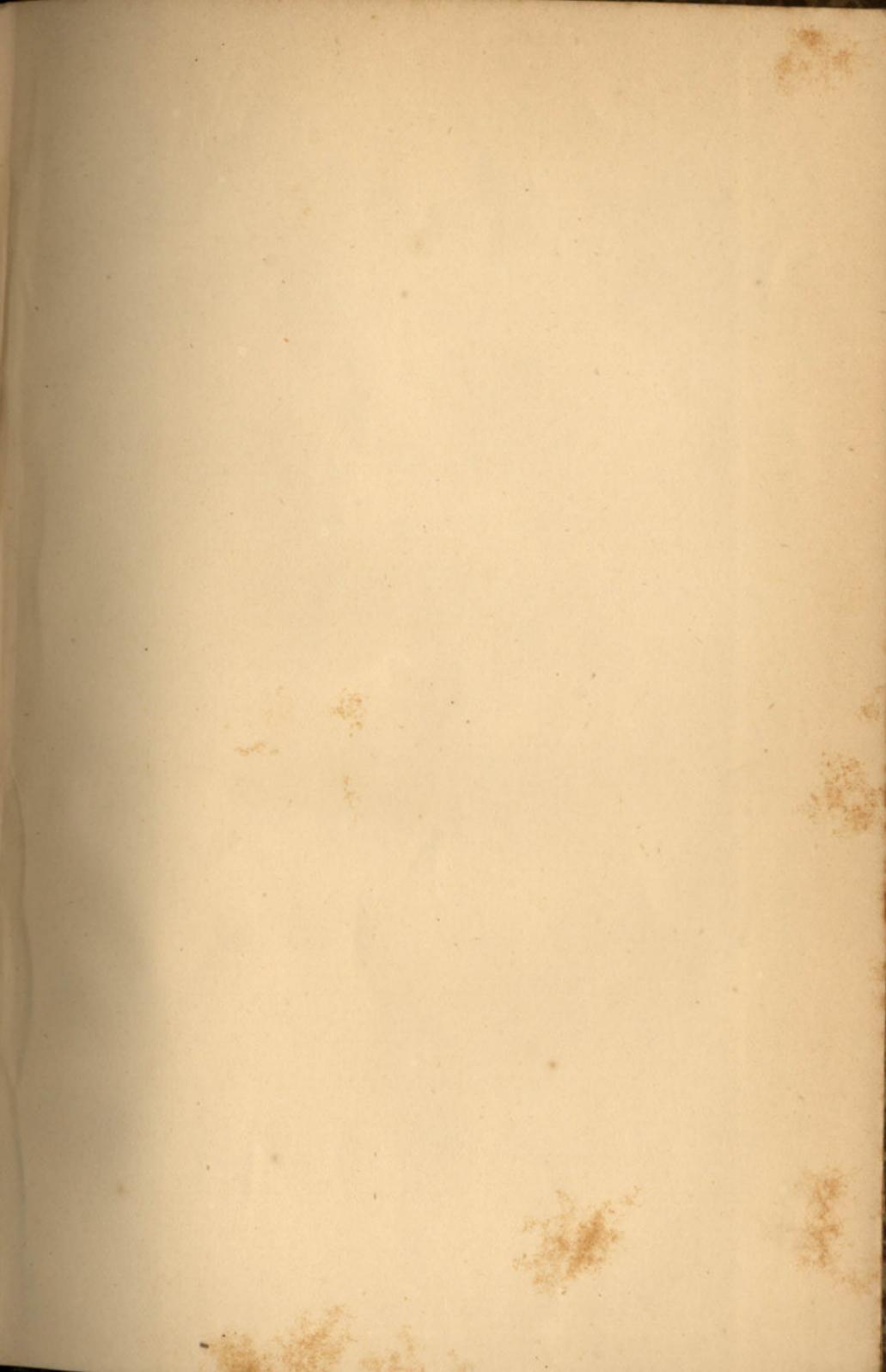


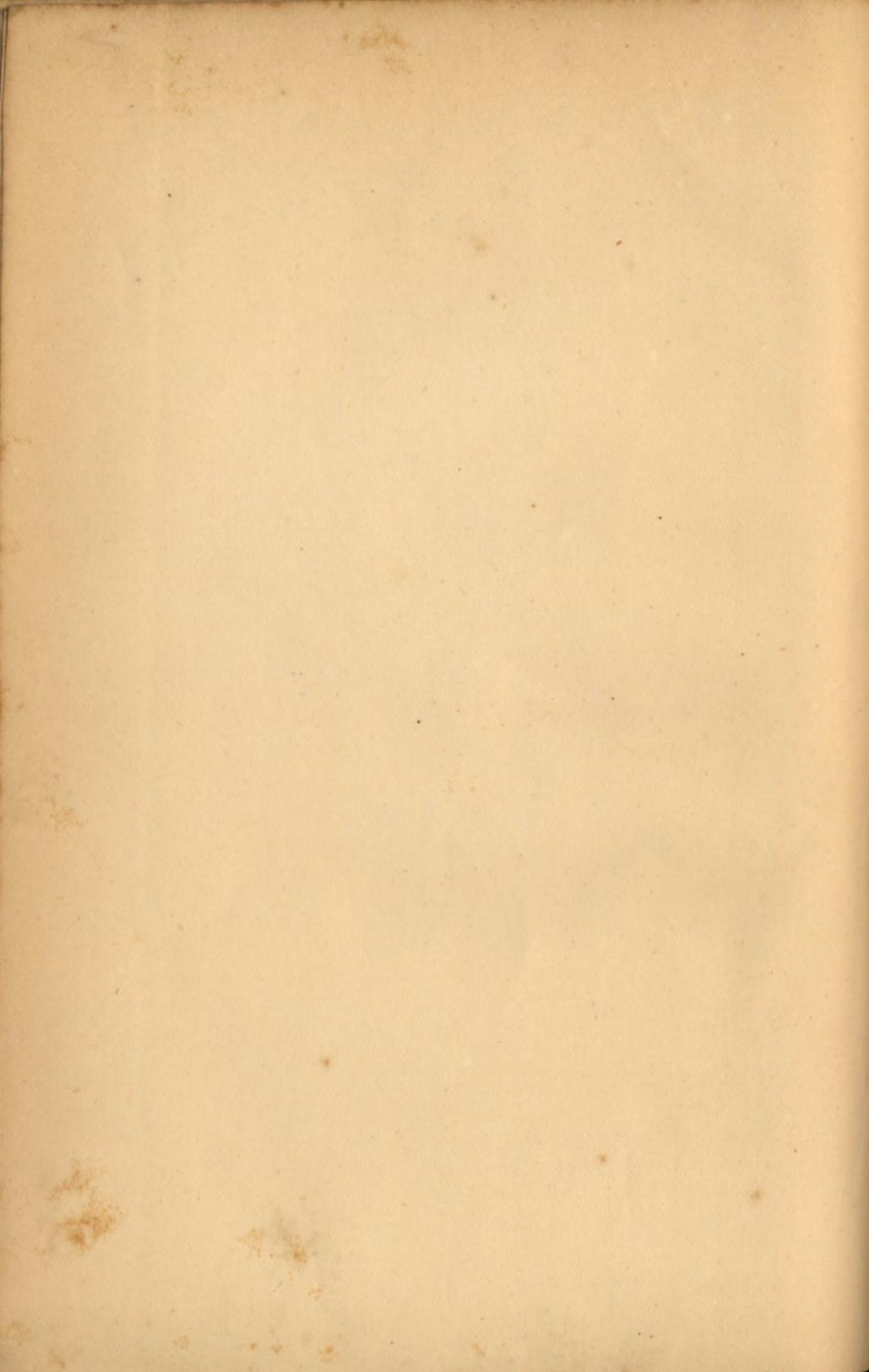


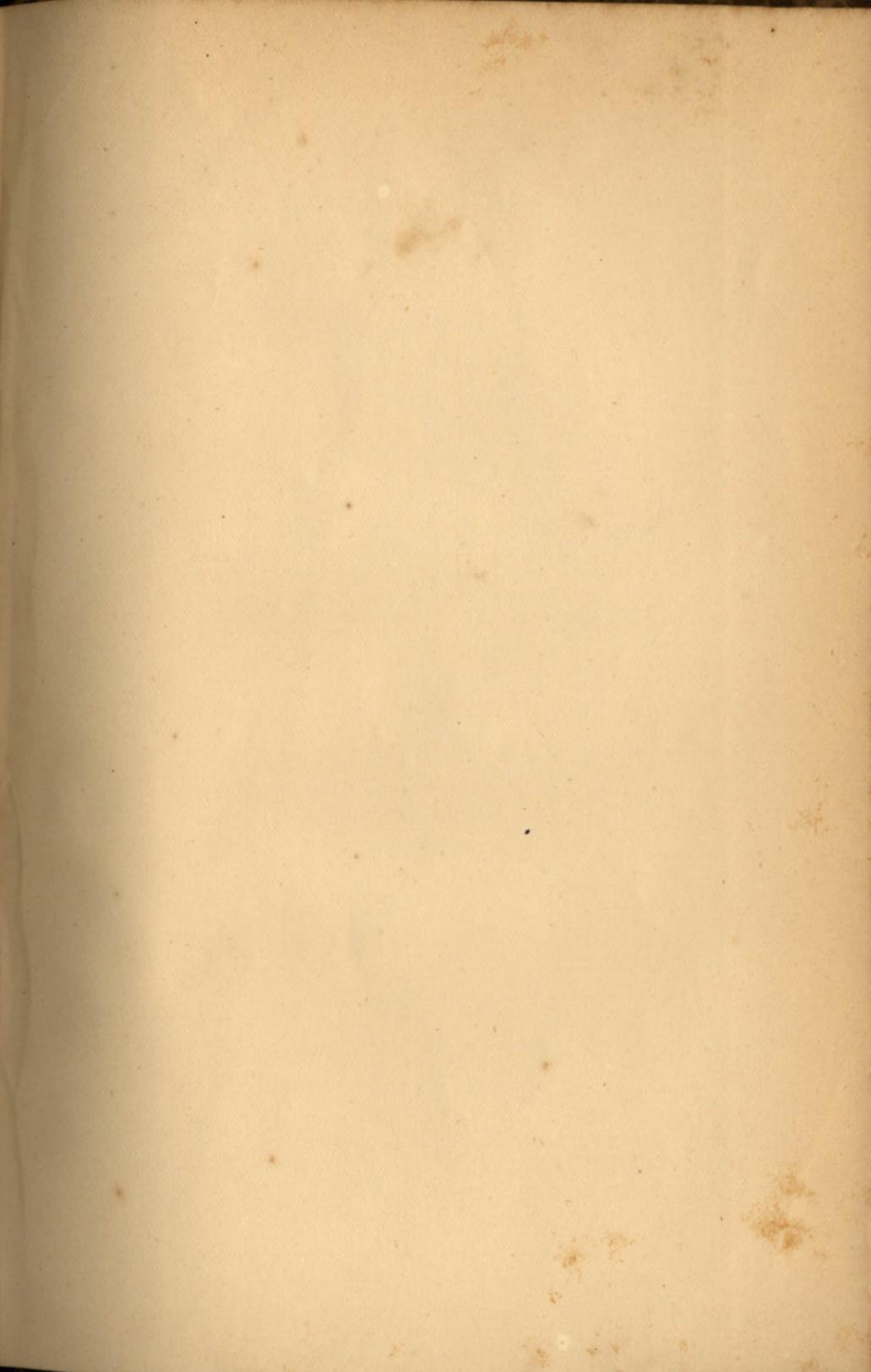


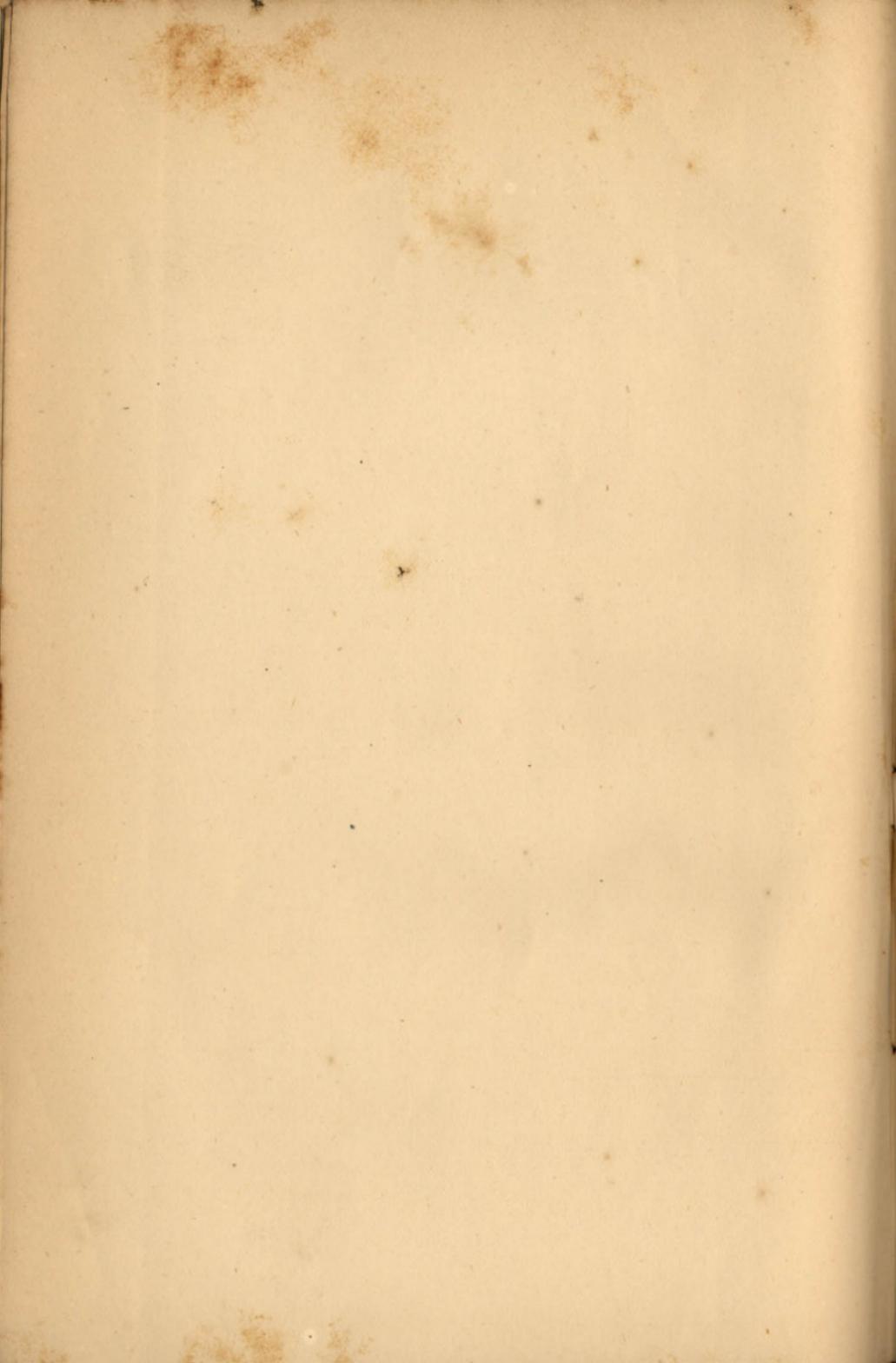


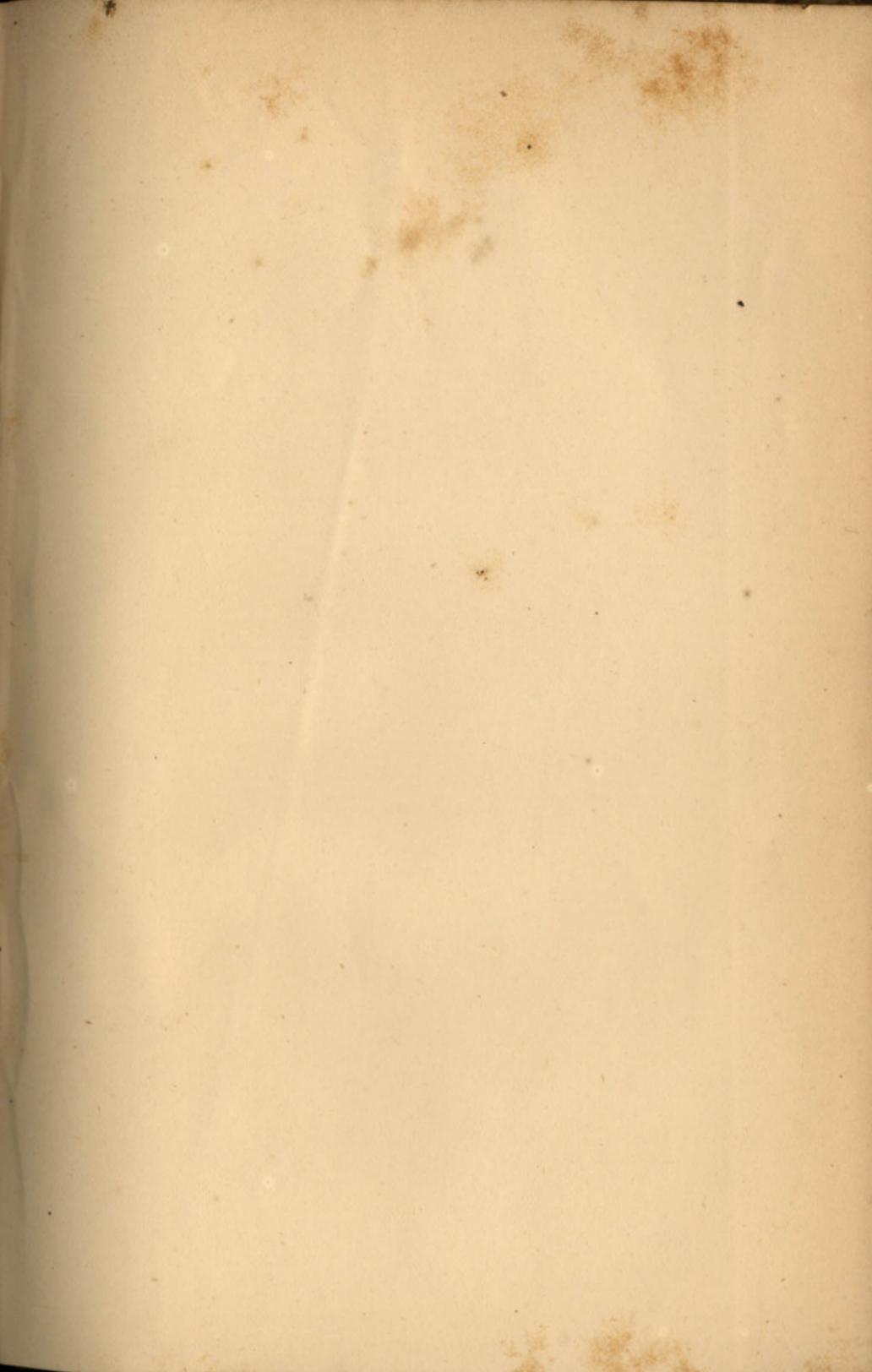


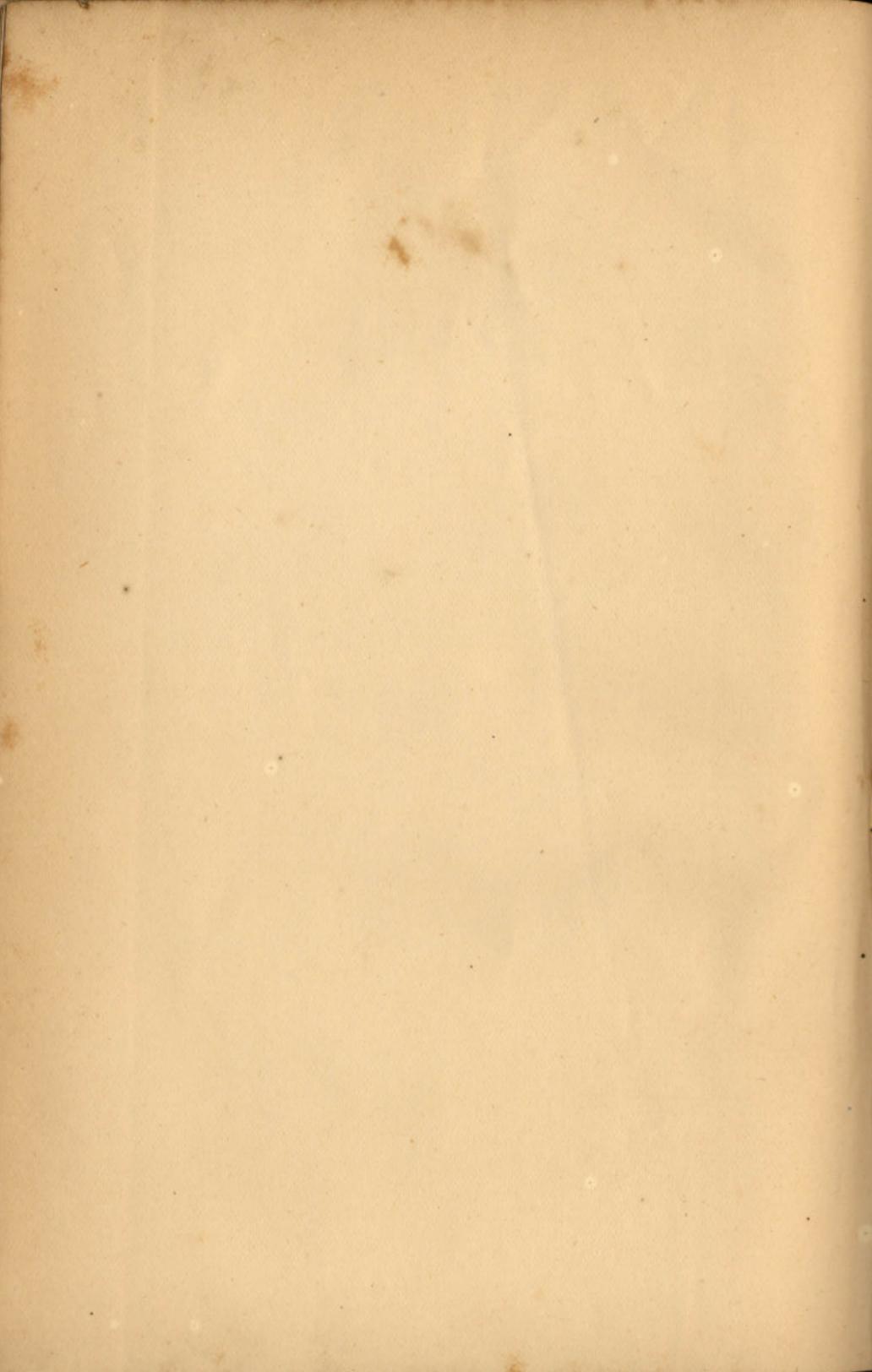


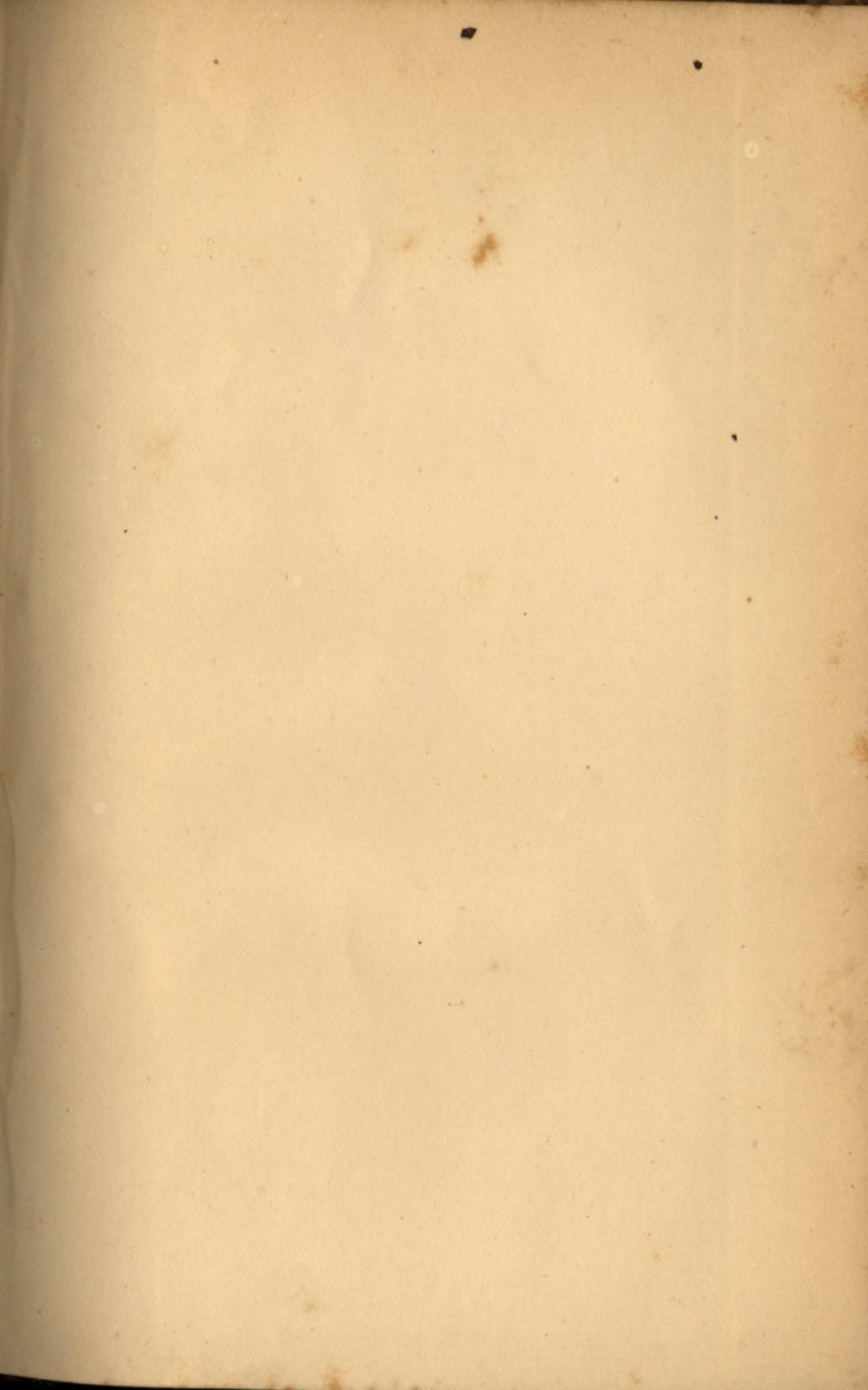


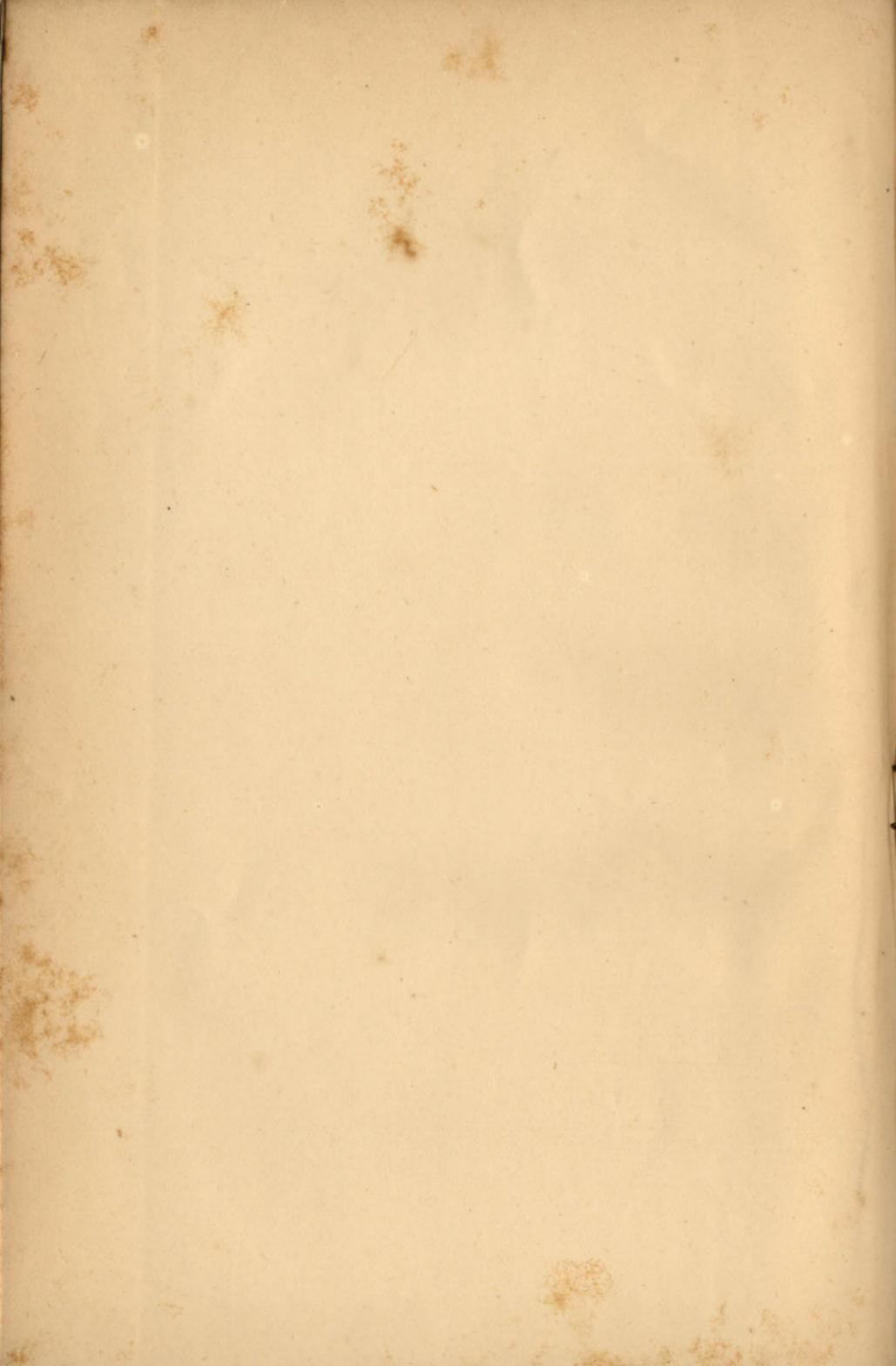




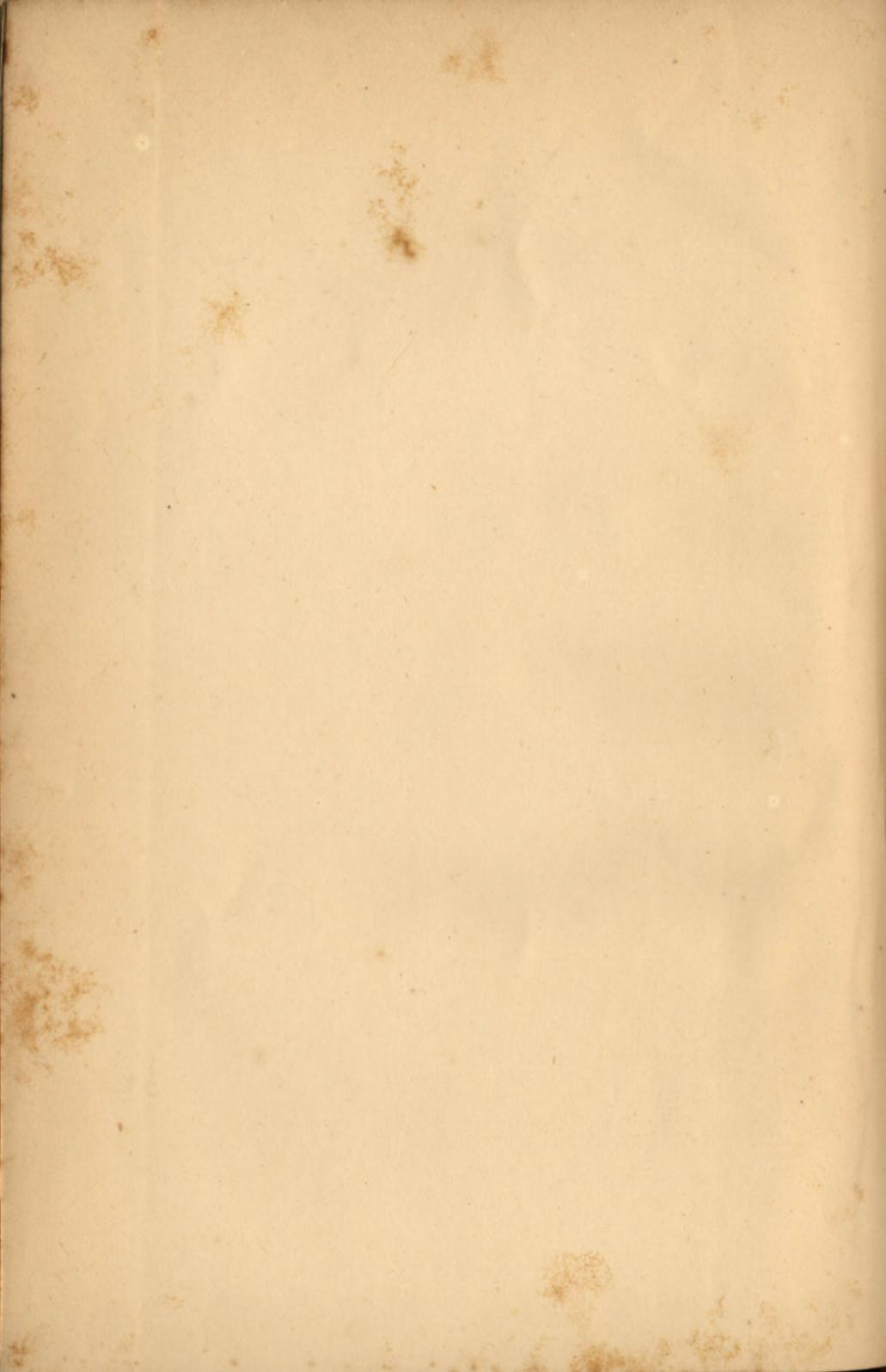


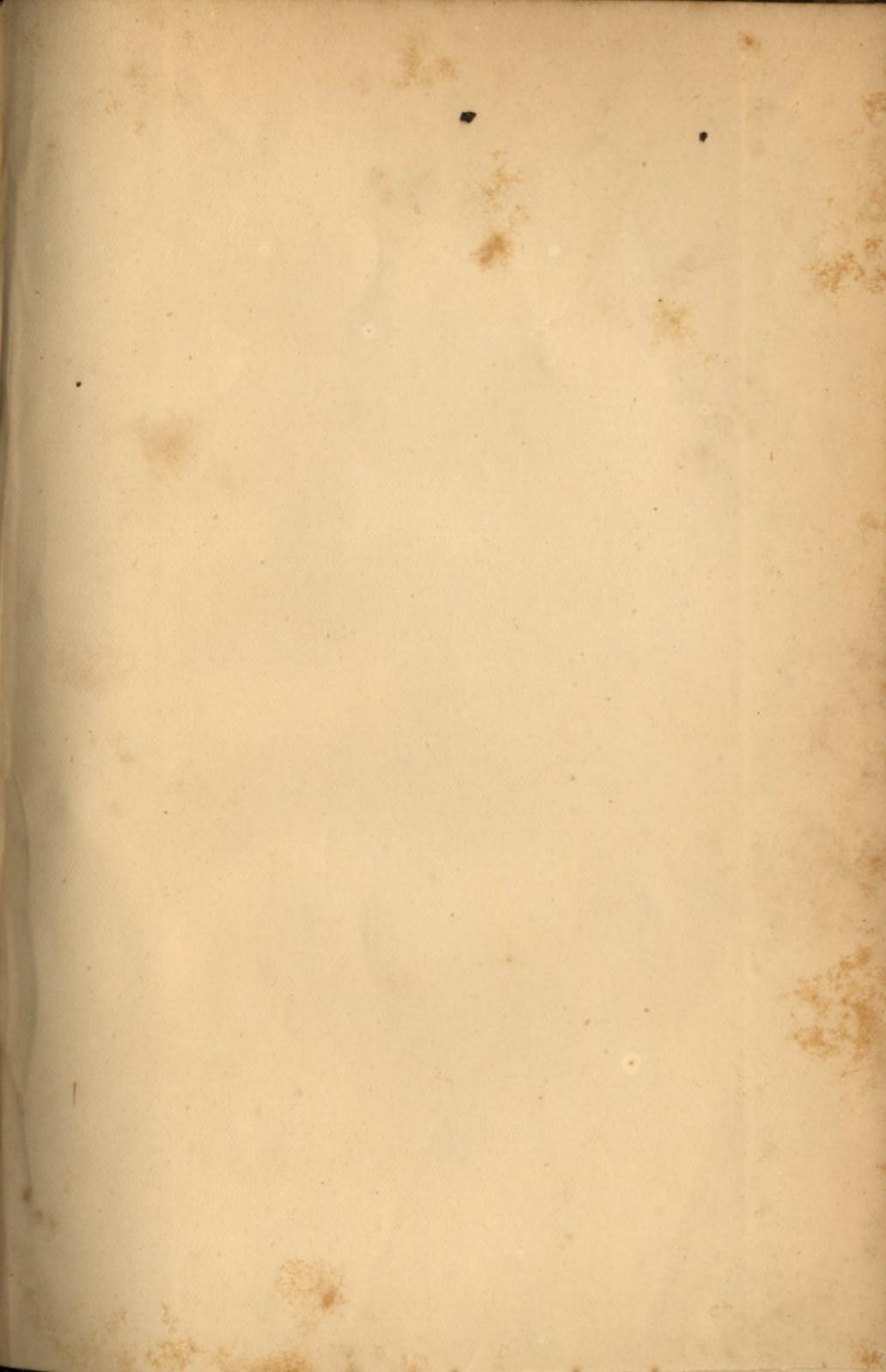


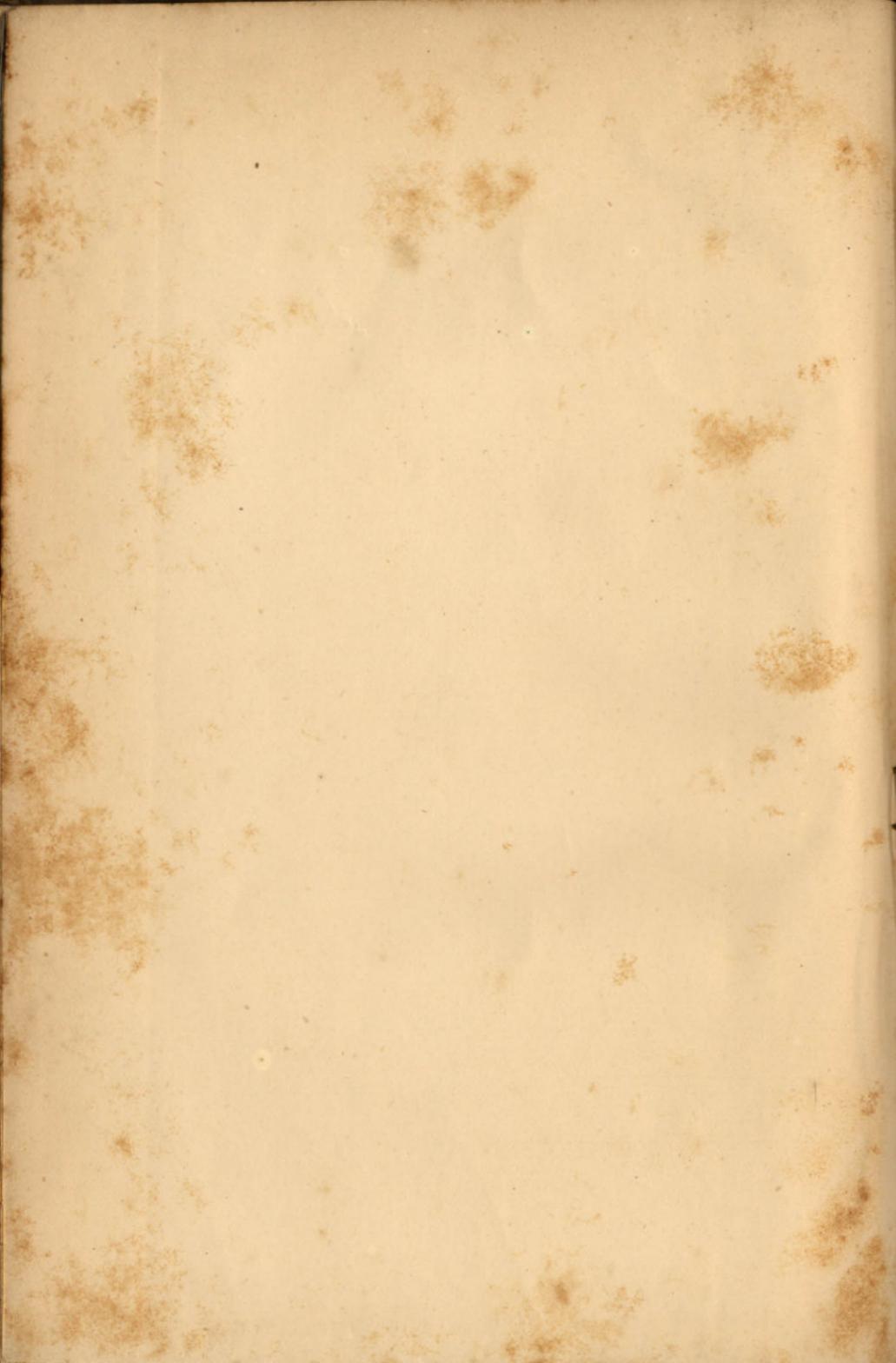












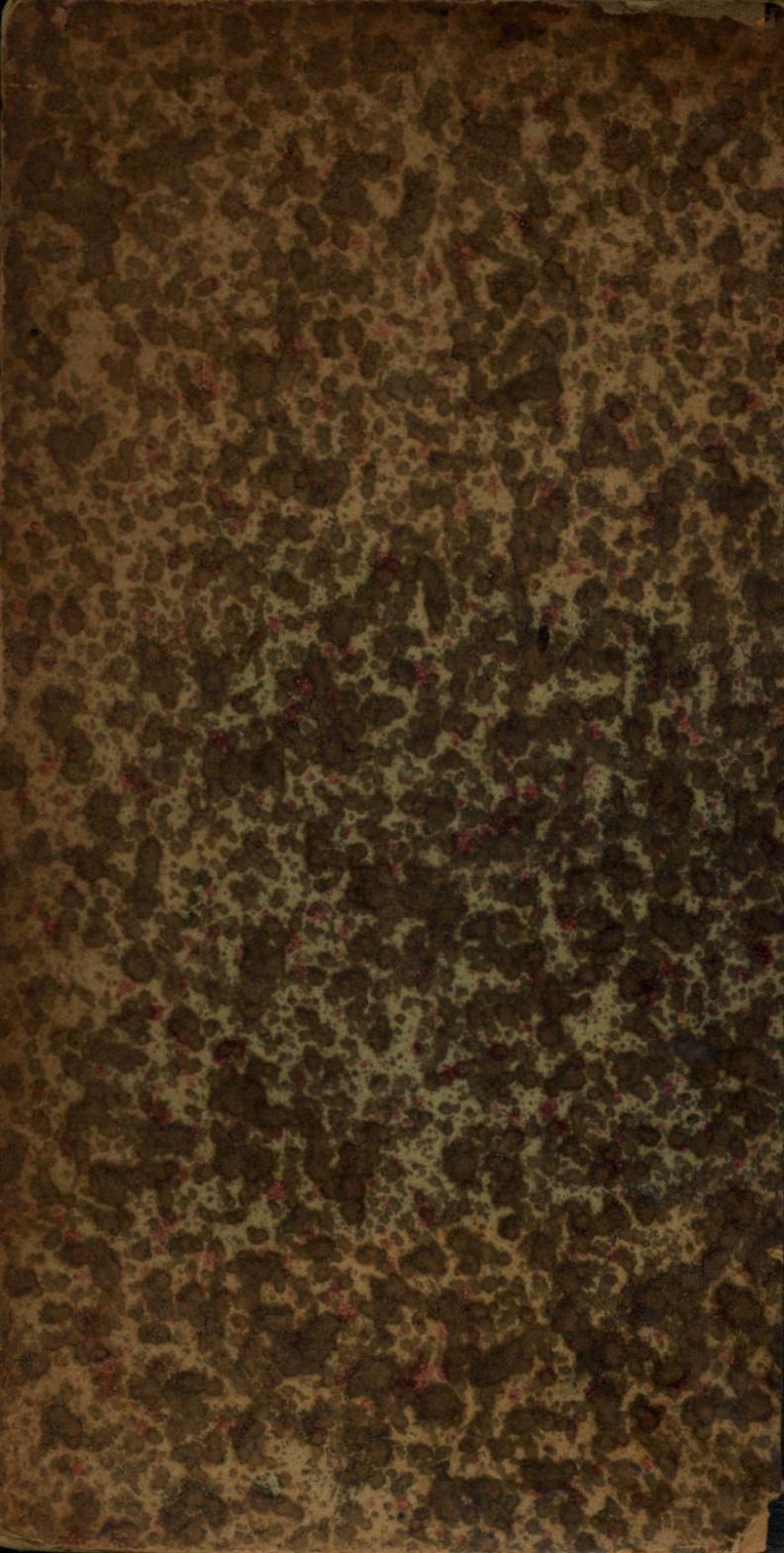












Ob

Ob